

O BISTURI

O ESQUELETO

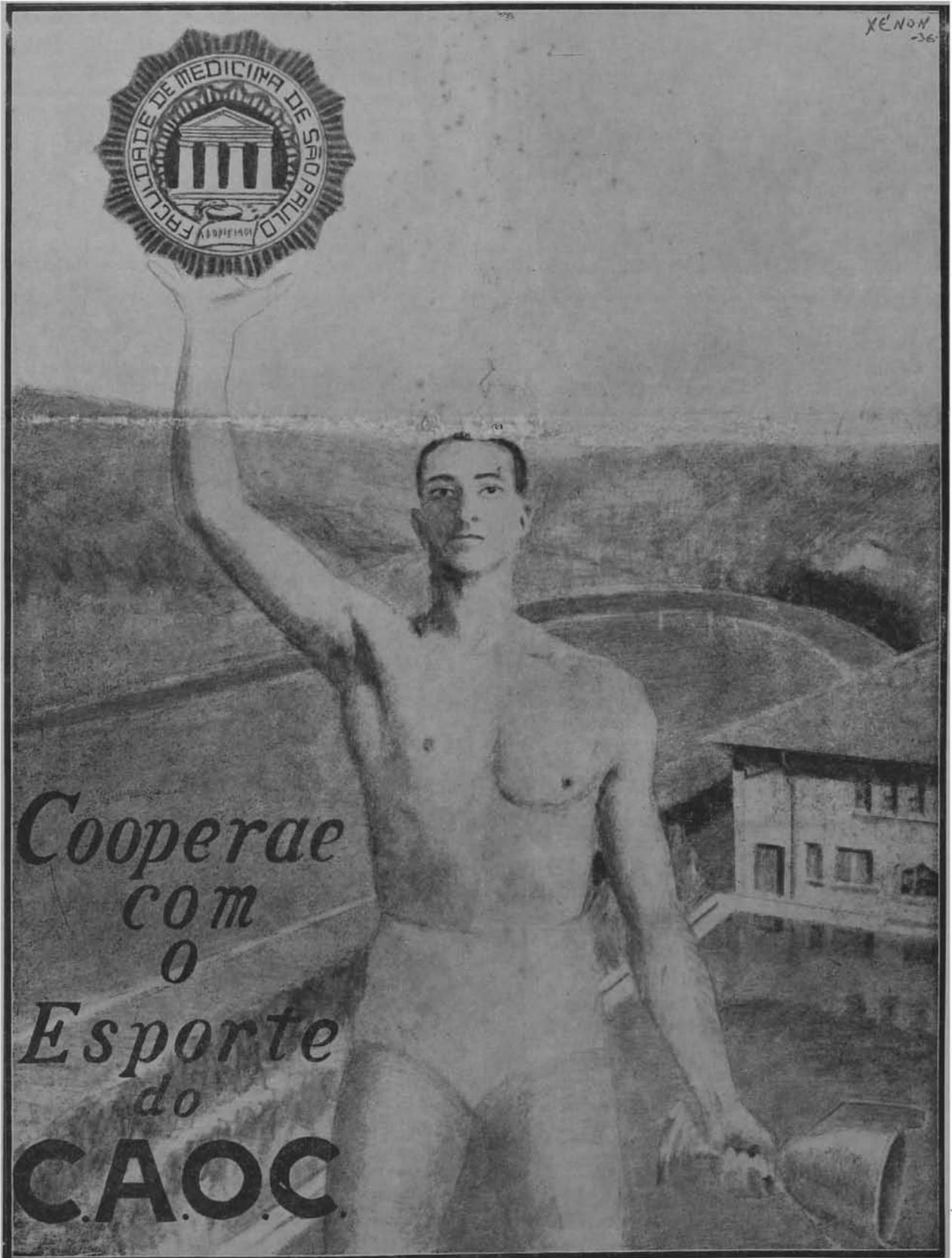
Rubens Dal Molin

Redator-Chefe:
ORLANDO CAMPOS
Redatores:
Manoel Duran
Nelson Albano
Mario Degni
Ruy S. Ramos
Giglio Pecoraro



Director: LUIZ ORIENTE
Secretario: LUIZ SANTOS FORTES

ANO IV | PERIODICO LITERARIO HUMORISTICO E NOTICIOSO | Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 14 de Setembro de 1936 | REDAÇÃO: AVENIDA DR. ARNALDO | N.º 18



14 DE SETEMBRO

Com a data de hoje, abre-se mais uma pagina do grande livro da vida do Centro Academico Oswaldo Cruz.

Pelas obras vultuosas que já realizou, pelo objetivo ou pelo fim a que desassombadamente se destina, é justo que lhe façamos hoje os maiores encomios. Pois o nosso Centro faz anos hoje! Um ano mais conta hoje esta benemerita associação. Mais uma etapa gloriosa assinala hoje a sua já gloriosa historia.

Um ano mais de valiosissimos serviços ele registra nos fastos da sua grande missão.

Fundada a nossa Faculdade de Medicina, compenetraram-se os seus primeiros alunos de que para a conquista de seus ideais, de seus direitos e de suas prerrogativas, seria necessario congregarem-se, e, lançaram então as bases de uma associação, estabelecendo simultaneamente estatutos, sob os quais deveria caminhar a organização e pelos quais obteriam as reivindicações dos direitos a que tinham jús.

E essa plêiade de moços, muitos dos quais hoje são nossos mestres, trabalhou incansavel, para o progresso do Centro que por uma justissima homenagem ao genial mestre Oswaldo Cruz, adotava o seu nome.

Desde então, o Centro Academico Oswaldo Cruz, dirigido habilmente por Waldomiro Guilherme de Campos, Ernesto de Souza Campos, Potyguar Medeiros e outros abnegados fundadores, não cessou de progredir.

E vemos que não foram estereis os seus esforços, a sua abnegação, porque os resultados de suas iniciativas e de seus trabalhos ai estão patentes e muito ampliados pelos dirigentes que se sucederam.

Instituído para tratar dos interesses dos estudantes de medicina, para auxiliar os estudantes necessitados nas suas ocasiões atribuladas, para incitá-los ao estudo e difundir entre eles, os esportes, o C. A. O. C., não faltou uma só vez a esses deveres, porque sempre á sua frente se encontraram espiritos retos e esclarecidos, perfeitamente identifi-

cados com a missão para o qual o Centro foi creado.

Não parou ai, entretanto, a atividade do C. A. O. C.

Contemplando compungidos, espetaculos dolorosos que em muitos lares pobres de S. Paulo, se desenvolavam, pela necessidade de tratamento a certas molestias, viram os acadêmicos de medicina, que com certo esforço poderiam minorar muitas dores, restituindo a felicidade a muitas familias e contribuir dest'arte ao progresso do paiz, resolveram eles, então crear uma Liga de Combate á Sifilis, que hoje, contando com dois postos e prodigalizando tratamento gratuito a inumeros doentes, estão em franca atividade.

Para incentivo da cultura medica entre os academicos, creou o C. A. O. C. o Departamento Cientifico, que atualmente edita varias revistas de medicina por ano.

Quanto á parte esportiva, rejubilase hoje o C. A. O. C. de possuir o maior e mais bem aparelhado "Stadium" academico da America do Sul, e isso porque — é justo que se proclame bem alto — á sua frente teem estado sempre, moços de iniciativa e de valor como Carlos Costa, Raul Braga, Paulo de Camargo, Savoy, e agora Badra.

E' com razão pois que hoje devamos comemorar com jubilo a grata efemeride, porque este dia lembra todas as gloriosas etapas do nosso Centro, porque o dia de hoje nos faz meditar sobre a soma consideravel de trabalhos que se dispenderam para o C. A. O. C. ser o que hoje é.

Quem contemplar a beleza das paizagens a pompa dos panoramas e as proporções de sua obra, sintetizadas no nosso monumental estadio, ha de dizer ufano:

Salve o C. A. O. C.! Salve todos os que por ele trabalharam!

Quem contemplar com os olhos do corpo ou do espirito tais realizações, ha de sentir-se com força e coragem para prosseguir na brilhante jornada que aguarda a este benemerito Centro.

Salve o C. A. O. C.!

L. Oriente

Presidentes do
C. A. O. C.

Fundado em 1913, o C. A. O. C. andou a largos passos na estrada do progresso, porque á sua frente estiveram sempre, jovens que trabalharam da melhor maneira para que nada faltasse ao Centro.

Cada qual procurou se esforçar mais do que o outro e a soma desses esforços redundou na grandiosa instituição que o C. A. O. C. hoje representa.

Na sua fundação e nos seus primeiros passos muito se destacaram: Waldomiro Guilherme de Campos, Ernesto de Souza Campos que ocupou a presidencia do Centro por 4 anos, J. Candelaria, Fernando B. Pereira, Potyguar Medeiros, Waldemar B. Pessoa, Felício Cintra do Prado, José I. Lobo, Benedito da Cunha Campos, Alvaro G. Filho, José de Almeida Camargo, João Alves Meira, Paulo T. Artigas, José Martins Costa.



Pedro Badra
Atual Presidente

As atividades destes obreiros devotados grandemente á causa do Centro, serviram como que de base a gigantesca obra que iriam se iniciar com Mario Altenfelder e Silva, em 1930.

Carlos Costa encetou a construção da piscina e do Ginasio, terminada sob a direção de Raul Braga. Este e Paulo Gordo continuaram a trabalhar no terreno esportivo, iniciando as obras do campo de futebol.

Sob a presidencia de Paulo de Camargo, sem duvida um dos me-

Dr. Macedo Soares

O BISTURI sente-se sumamente desvanecido em consignar, em suas colunas, o agradecimento sincero da diretoria do Centro Academico Oswaldo Cruz ao dr. José Carlos de Macedo Soares, em virtude das cativantes provas de amizade e estima que acaba de conceder aos alunos da nossa gloriosa Faculdade.

O ministro das Relações Exteriores, que, com justiça, passa á Historia com o nome de Embaixador da az, visto a sua benemerita atuação em face da politica internacional, mostrou agora, com nunca, o seu interesse por nós, presidindo ás mais importantes comemorações do aniversario da nossa Associação. Isso, porque a sua larga visão lhe permite saber onde se faz necessaria sua ilustre presença.

lhores presidentes que passaram pelo Centro, terminaram-se muitas obras e iniciaram-se outras que seu sucessor Savoy, animou e completou.

Atualmente sob a direção de Pedro Badra o Centro realizou novos e vultuosos atos. Terminou-se a pista de atletismo. Creou-se a Biblioteca Circulante, incrementou-se a atividade da Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho.

Todos os presidentes, contribuíram cada qual com o melhor de seus esforços e são hoje dignos da justiça e da gratidão que o Centro lhes deve.

Almoço de confraternização

Uma brilhante iniciativa da atual diretoria do C. A. O. C. veiu realçar as grandes comemorações que se prepararam este ano em homenagem á data de aniversario do nosso Centro. Trata-se do grandioso almoço que fez passar em boa harmonia, por algum tempo, os antigos e atuais alunos da Faculdade de Medicina e do qual fizeram parte inumeros professores e assistentes da Faculdade.

TINTA KRAMER
PARA ESCRIVER
QUALIDADE SUPERIOR
E' usada pelo "Bistori"

LACTOZIM ALFA

Fermento Láctico, Proteolítico
Bacteriolítico Aglutinante

Vence rapidamente as infecções intestinais

Preparado liquido, contido em ampoulas para uso oral.

O primeiro que surgiu e se evidenciou no campo da Bacteriologia com este acondicionamento (1912), e que se mantém, mesmo depois de 10 anos, sempre vivissimo graças ao processo científico especial adotado para a sua preparação.

O uso do FERMENTO ALFA não requer dieta e preparação especial: não é digerido e encontra-se nas fezes. (Provas do Laboratorio Bacteriologico de Padua e Rovigo). É inócuo em todas as doses. (Provas em animais); Fornece Vitaminas no estado nascente, é bacteriofágico para o bacilo do Tifo, Paratifo, Vibrião colerico, Bacilo da Disenteria (Exp. Prof. O. Casagrandi); tem um poder eletivo sobre os centros nervosos do Grande Simpático: normaliza as funções peristalticas.

E' util tambem aos sadios, especialmente ás pessoas que se dedicam aos trabalhos intelectuais.

BIODINA

A Biodina atua em todas as infecções reconduzindo o organismo ao seu estado normal

O clinico após umas injeções de **Biodina** póde estar com a conciencia tranquila, por ter feito tudo a favor do seu doente. **Biodina** não tem similares, nem é similar a nenhum outro producto.

A garantia da BIODINA resulta dos estudos dos dois grandes e consagrados mestres que orgulham a Ciencia: O Prof. Mezzadrolí, titular da Catedra de Tecnologia das Fermentações da R. Universidade de Bologna, Membro do Conselho Nacional de Pesquisas, e o Prof. Casagrandi, Director do R. Inst. de Higiene de Padua, Membro do Conselho Nacional de Pesquisas, e encarregado pelo Estado Italiano dos controles biologicos dos Medicamentos.

INSTITUTO EXPERIMENTAL DE BACTERIOLOGIA INDUSTRIAL
SOB O CONTROLE DO ESTADO — BOLOGNA ITALIA

S O C I E D A D E

Terra da Garôa, setembro de 1936

UM POUCO DE HISTORIA

Camões, o genial inventor da pilha de Marconi, era também um grande poeta. Colocou, quando bibliotecário do Centro, incluiu no seu Cancioneiro, ao lado das belas composições do rei Souza Diniz, diversos sonetos de autoria do melancólico e imortal cantor das bis-turizadas dos Lusíadas.

E' de palpitante atualidade um desses sonetos, que obtivemos graças ao sr. Carlos Gordo Gonçalves, em que o poeta-soldado se confessa francamente polissacarídeo ao saber da concorrência, na sua promoção ao curso médico.

Por esse soneto descobriu-se também que a lenda em torno do nome de Vaz Caminha é falsa e não é falsa ao mesmo tempo.

Por ocasião da viagem de Vasco da Gama às Índias, Camões, aproveitando a ausencia, apaixonou-se pela cachopa do navegador.

Aconteceu, porém, que, nos tempos do carnaval, no baile que o Centro ia dar, a endiabrada pequena apaixonou-se pelo cavanhaque de Cabral, o Venturoso. E, enquanto o Vasco não vem, o escovado cabra fez o cortejo das 13 caravelas, entre as quais a Caravela do Araçá, nome primitivo de nossa Faculdade e que foi restaurado concomitantemente com o do Pateo do Colegio.

Camões, desconsolado e triste, foi escrever um soneto para mitigar o sofrimento cruciante, e, por saber apenas o nome do marido, começou pelo célebre verso: "Vasca minha gentil, que te partiste." Na tipografia, porém, um português típico, ao copiar, errou e escreveu: "Vaz Caminha gentil, que te partiste"

A verdade é que Vaz Caminha não existiu nunca; na Caravela do Araçá, viajava Catarina, esposa de Vasco da Gama, e não o escrivão Vaz Caminha. Os historiadores, emburalhando ainda mais, descobriram que se, de fato, Cabral fugiu com uma pessoa, essa pessoa era do sexo masculino. Que ingenuidade!

Para provar que isso é falso basta dizer que "o Tal", a 22 de abril, deu à luz nas costas... da Baía.

Cabral, anunciando o ocorrido, mandou uma carta ao rei Manéco. Novamente o tipógrafo em cena: de uma pastelada surgiu Natércia em vez de Catarina.

Naquê tempo, a giria indígena chamava as boas de "pêras". Em varios trechos da carta referida, Cabral empregou essa expressão; nova tamancada do tipógrafo e surgiu o discutidissimo nome do componente da expedição: Pero.

Os historiadores, consultando o célebre soneto que vai em seguida, para conciliar, batizaram a gentil lusitana: Pero Vaz Caminha.

Esta narração, assim exposta, foi feita pelo contemporaneo do poeta, Domingos C. da Silva, testemunha ocular dos fatos ocorridos.

Dada essa necessaria explicação histórica, acrescentamos, ainda, que o amante de Natércia achava que essa bagunça de bis-pré-médico não tem utilidade alguma e afirmava no canto VII que o universitário só tem de humano o gesto e o peito, mas que no fundo é um burro perfeito.

Em nome da classe, protestamos desde já, e aqui vai o celeberrimo soneto. Façamos votos para que o tipógrafo não vá empastelar ainda mais a contenda entre o esporte de Camões e o Vasco da Gama F. C.

O' nota dez, assim, levanamente, tão cedo me deixaste nesta escola; Repousa co'o Faria, eternamente, E tire eu dez á custa de uma cola

Se, no segundo andar, aí na frente já se fala de mãe, sem bater sola, pede-lhe um dez p'ra cá, rapidam se ainda ela estiver certa da bola.

Se vires que esta besta bem merec um dez, e nunca o teve nesta vida toma um Alfa-Romeo e daí desce

correndo á Pintacuda na Avenida, vem mitigar a dor de quem padece a concorrência infame e descabida

RÉO DA TORRE

CARNET

Aniversarios:

Completoou ontem mais um ano de existencia o judeu Pedro sem Saúd, da R. A. E.

— Festejou seu aniversario o comprido Guilherme V.-8 Curban, "que dorme debaixo de um radical do qual não se pode livrar, porque não é quadrado perfeito" (Das Cartas de Euclides Geber a Tales de Pitágoras).

— Fez anos o festejado doutorando Vladimír de Freitas Vale, membro honorario da Academia de Bilhar "Taco de Ouro", da Sé.

— Completará, dia 24 próximo, mais um ano de preciosa existencia o robusto e interessante menino Campaninha, filho do sr. Pedro Campana, conceituado comerciante nesta praça e grande amigo desta folha.

Casamento:

Realizaram-se, com grande acompanhamento, as núpcias do novo veado do Bioterium. Foram madrinhas: Efraim de Campos e João Libonatti.

As colunas do Bisturi serão franqueadas todos os estudantes das Escolas superiores de São Paulo, que endereçarem suas colaborações ao nosso Diretor, Luiz Oriente, ou entregarem diretamente aos redatores deste periodico.

Só serão aceitos artigos devidamente assinados, ainda que, pela vontade do autor, devam ser publicados sob pseudonimo. A publicação desses artigos assinados não significa comunhão de ideias entre a redação e o autor.

A direção reserva-se o direito de publicar ou não as colaborações recebidas.

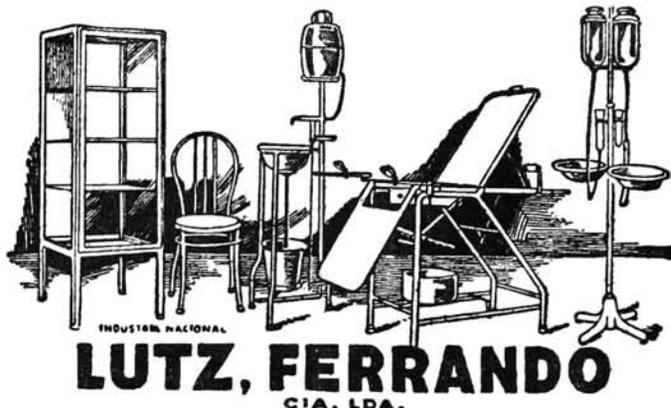
Publicidade:
José Soares de Arruda
tel. 7-2355



Fabrica nacional de moveis assépticos para Hospitales Casas de Saúde e Consultorios Medicos

— 0 —

Salas de Esterilização Instrumentos de Cirurgia Quimica Bacteriologia e Electricidade medica



Rua Direita N.º 5 - S. PAULO

Bola ao cesto

Tonel de Diógenes — Causou ótima impressão a impressão dessa revista universitária. E' dirigida por 3 nomes, que, na verdade, constituem o mesmo mistério da Santissima Trindade: Padre, Filho, Espirito Santo e Amen. São 3 nomes distintos, mas uma só pessoa. No "Tonel de Diógenes" a única pessoa é o Kopke.

Exceptuando os artigos do dito, eruditos a toda prova, e "Presente e Passado", que prima pela simplicidade, a essa revista caberia bem o nome de "Tonel de Lixo". Deverá haver uniformização de ortografia, pois a "misxtura" é chocante, e novo rumo aos artigos doutrina-rios. Parabens ao sr. Kopke pela realização da difícil iniciativa, mas não se esqueça...

A. U. C. — A revista doentiamen-te carola da *Ação Universitária Católica* veio, como sempre, farta de boas colaborações, ao lado de coisas nobres. O nosso colega Alvaro M. da Silva foi infeliz ao escrever "Gênesis". O artigo, além de magro como o autor, encerra mistura de ortografias e mostra "ab-initio" quão inimigo é da gramática, como se depreende deste erro gravemente cabeludo: "Assim é que discute-se..."

Castilho — Seu artigo nem no cesto quer entrar. Portanto, vai ter outro destino. Está no prégo da 1.ª porta á esquerda.

Fuadinho — Seu artigo não vale uma pataca do tempo do Negus. E' mais indigesto do que o solidificado a 32° Baumé. Essa historia das vacas saltarem de galho em galho e os periquitos pastarem é mais bati-da que a macarronada na Italia, e,

é até a chapa infalível do cronista do "Sino". Não seja bobinho.

Hélio Lourenço — Seu artigo está muito prolixo. Póde ser contado em poucas linhas. Havia um rei muito orgulhoso, teimoso e poderoso. Certa vez um corteão lhe disse: — Magestade, sois rei em tudo, mas plagiador dos famintos! — Por que? — Porque comeis! Dois dias depois, um enterro real... Pronto, seu Hélio! Gostou?

Gil Blas — Como o sr. se atreve dizer que os jardins estão pelados por causa deles? Vi os veterinarios deitados, porém, não comendo a grama. Ah! para eles é leguminosa! Pode ser! Vai para o cesto, Já é uma consideração. "Tintina bulum", que está quasi bom, faz-lhe companhia.

Dante — Metendo-se a poeta? Vá carregar piano (desculpe a cacofonia) de cauda e sem rodas! Deixe a cauda em paz e cuide um pouco mais da concordancia.

Losso — Seu artigo é um pouco fraco, isto é, bastante prolixo, que é o seu defeito sistemático. E' sanduão de piche com piche.

Menotti — Casamento de hermafrodita? — Seja menos enigmático e outro tanto equivo.

Cordeiro — No futebol pode ser, mas na literatura!...

La Scala — Não sai, porque não mandou artigo algum, mas está ótimo!

Efraim — Enganou-se. Não é o Tepedino que responde aqui. Em todo caso Nervei é bom.

Henrique — Sonhou que estava na Abissinia? Pois seu artigo já está lá, ha muito tempo! D. Pedro nunca foi irmão de d. Juan.

General — A redação está escandalizada. Até o Duran corou!

D. João Cesto

Aspiração de todos nós

Paulo Dias da Silveira.

No manifesto de apresentação dos seus candidatos à diretoria do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz", uma das facções políticas constituídas entre nós incluiu entre os trabalhos que deverão ser realizados no caso de vitória na próxima pugna eleitoral o desenvolvimento de uma entusiástica e eficiente campanha em prol da construção do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina.

Inicialmente, desejamos colocar completamente de lado o aspecto político da questão, evidentemente transitório e relegável para um plano secundário. A idéia, analisada desapaixonada e serenamente pelo prisma do carinho que todos nós dispensamos à Faculdade que atualmente cursamos, apresenta-se nos magnífica, não sendo portanto razoável que venha a ser desvirtuada pelas artes diabólicas da política com *p* minúsculo, mesquinha e malfadada aqui e alhures... O projeto em questão não deverá ser portanto monopolizado pelo partido político que o apresentou e muito menos combatido pelos elementos da facção oposta pelo simples motivo de ter sido lembrado pelos colegas que atualmente se acham no campo adverso. Imprescindível é que todos os nossos colegas, quaisquer que sejam as suas opiniões políticas, compreendam que a construção do Hospital das Clínicas constitui uma necessidade imperiosa no presente e imperiosíssima num futuro muito mais breve. A deficiência e inadequabilidade da Santa Casa é reconhecida e procla-

mada por todos os que se interessam pelo ensino das Ciências Médicas entre nós inclusive por professores da nossa faculdade que já se externaram a respeito. Esperamos que, qualquer que seja o resultado da disputada peleja eleitoral já esboçada, o projeto referido seja pôsto em execução pelos candidatos vitoriosos, de um partido ou de outro.

Dotar a nossa Faculdade de um Hospital à altura das suas gloriosas tradições e nobres fins deve ser a mais ardente e sincera aspiração não de um agrupamento político momentâneo mas de todos os acadêmicos de medicina, sem distinções de qualquer espécie, e, elevando mais as nossas vistas, de todos os que se interessam pela grandeza e progresso de São Paulo, logicamente ligados ao desenvolvimento das Ciências Médicas Bandeirantes.

A simples leitura da mensagem enviada à Assembléia Legislativa pelo governador do Estado demonstra a veracidade da nossa asserção. Nesse documento excepcionalmente importante, o sr. Armando de Sales Oliveira, no qual gregos e troianos reconhecem as qualidades e a visão de um notável estadista, salientou a inacreditável deficiência do nosso atual aparelhamento hospitalar: em hospitais gerais, para indigentes, segundo recenseamento recente, encontramos em todo o Estado de São Paulo apenas 6.456 leitos para uma população de cerca de seis e meio milhões de habitantes!

Além da clamorosa insuficiência dessa cifra, que não corresponde sequer à metade do que seria modestamente indicado para o Estado de São Paulo segundo os cálculos que nesse assunto se admitem para os países civilizados, a mensagem

Papelaria - Tipografia Cruzeiro

ARTES GRÁFICAS

IMPRESSOS EM ALTO RELEVO — ETIQUETAS E DESCALQUES
PARA MEIAS E TECIDOS — ARTIGOS ESCOLARES EM GRANDE
E PEQUENA ESCALA — LIVROS EM BRANCO E
OBJETOS PARA ESCRITÓRIO

Rocco & Rossetti

Rua Wenceslau Braz, 18

TELEFONE 2-1969

SÃO PAULO

a que já nos referimos mostra outro grave aspecto da questão: os grandes hospitais, com mais de 100 leitos apresentam organização e aparelhamento evidentemente superiores aos dos hospitais de pequena capacidade. Resulta deste fato que os indigentes, mesmo sujeitando-se a longas viagens, preferem os primeiros aos segundos de modo que os grandes hospitais ficam superlotados enquanto que nos pe- quenos hospitais encontravam-se desocupados cerca de 800 leitos na época em que foi feito o recenseamento.

Os quadros entristecedores, que, nas grandes cidades como São Paulo, resultam de uma assistência hospitalar insuficiente, que se podem facilmente entrever na exposição acima e observar quasi que diariamente, autorizam-nos a afirmar que a construção do Hospital das Clínicas representará não só uma conquista para o corpo docente e discente deste instituto de ensino mas também um benefício incalculável para o Povo Paulista em geral.

Uma campanha em prol dessa realização será fatalmente vitoriosa, não só pelo prestígio de que

gosa a mocidade da Faculdade de Medicina mas também pelos elevados fins desse movimento, ao qual a culta e generosa Sociedade Paulista e o Governo Estadual darão certamente todo o apóio possível. Empreendendo-o, os colegas, quaisquer que eles sejam, que as eleições elevarem aos postos de diretores do C.A.O.C., realizarão uma tarefa nobilíssima, que ligará os seus nomes a uma iniciativa que será uma das mais grandiosas realizações bandeirantes; por outro lado, conduzindo-o com dedicação e habilidade demonstrarão claramente uma elevada compreensão do papel social do médico e do estudante de medicina.

Oferecer ao Povo Paulista mais um hospital para indigentes é cooperar generosa e decididamente para a melhoria da nossa assistência social, que, sem dúvida alguma, representa o meio mais racional e nobre de oferecer combate às doutrinas perigosas e exóticas que, vindas de longes plagas, estão se infiltrando entre nós, ameaçando destruir os mais belos sentimentos, tradições e conquistas da alma humana: Deus, Pátria e Família.

Seção Livre

Chapa Brandi

Para as Eleições de 1936 do Centro Acadêmico "OSWALDO CRUZ"

Presidente
Vice-Presidente
1.º Secretário
2.º Secretário
1.º Thesoureiro
2.º Thesoureiro
1.º Orador
2.º Orador

Roberto Brandi
Domingos Machado
Octavio Lemmi
Helio Lourenço de Oliveira
João Procópio Fortes
Murillo de Azevedo
Flavio de Arruda Macedo
Carlos Augusto Gonçalves

A atitude do estudante de medicina deante dos grandes problemas sociais e deante das suas necessidades deve ser decidida e corresponder à magnanimidade da profissão que escolheu.

Quando, por toda a parte, se esboçam movimentos para livrar a nossa terra dos grandes flagelos que a afligem, quando todos procuram cooperar para a solução de graves problemas, estranho seria se os alunos desta Faculdade se deixassem permanecer inativos, inconscientes das grandes falhas da vida do nosso povo e da sua própria condição.

O Brasil é um vasto hospital tendo por teto o céu e por ambiente a natureza. E nesse cenário gigantesco, como a desafiar a luta os responsáveis, move-se tetricamente, medonha e descomunal a legião de doenças a corroer o amago da nação, diminuindo-lhe a capacidade de trabalho, inutilizando os seus esforços, exterminando as suas reservas.

E as doenças, como bactérias daninhas campeando sem combate, se multiplicam assustadoramente em proporção arqui-geométrica, tendo como garantia de vitória, o tempo.

O despertar da inercia em que jazemos deve ser imediato. O pro-

blema hospitalar não pode esperar pela resolução de problemas intrincados de burocracia.

São Paulo se orgulha da posição conquistada entre os centros científicos mas não se entristece ao confessar que só tem 6.465 leitos para indigentes, em hospitais gerais. E isso em todo o Estado.

Impressionados com a deficiência hospitalar em S. Paulo e levando em conta que a nossa Faculdade não possui ainda um hospital proprio, embora já projetado, é que levamos para a Diretoria do Centro o proposito firme de lançar uma campanha de propaganda da necessidade de construção do Hospital de Clinicas da Faculdade de Medicina.

O valor que representa para o estudante de medicina a construção desse hospital é inestimável. O curso de clinica, como é feito actualmente, num hospital inadequado, antiquado e insuficiente como a Santa Casa, não pode de maneira alguma corresponder às finalidades almejadas não só pelos alunos como pelos professores. Urge pôr um termo a tal estado de coisas. O que queremos fazer nada mais é do que ressaltar essa necessidade.

(Trecho do manifesto lançado pela chapa em 23-VIII de 1936.)

Variações sobre os calouros

(Ao Zé Maria e ao Curban, mandantes deste escrito que eu piamente perpetrei).

Bancaria um tolo refinado se viesse aqui alinhar a série cretina de nomes e atributos que os veteranos mais recentes se comprazem em despejar sobre seus colegas mais próximos. Mas ha um certo número de fatos que merecem registro especial, pois que traduzem com uma deliciosa clareza o espirito dos nossos recém-colegas, aquele mesmo espirito de que todos nós muito lentamente nos fomos libertando (e do qual quantos, ó quantos nunca puderam se livrar!)

A psicologia do calouro compõe-se de uma série de fatos mentais concientes ou, o que é muito mais sintomático, inconcientes, traduzindo-se por atos cuja finalidade única é fazer saber a Deus e todo o mundo que êle, êle mesmo que ali está é um quasi doutorando de medicina. E' bom notar que não ha vantagens em se fazer passar por médico; de médicos ha alguns milhares, e os estudantes são uns quatrocentos. Vale mais o que é mais raro...

Um calouro traz invariavelmente na mão ou no bolso um exemplar do BISTURI, mesmo 2 ou 3 semanas depois da saída do mesmo. Por que? Ora, num bonde, é sempre possível (ó sonho de todas as noites de todos os verões e invernos!) que uma bôa loira ou uma ótima morena venha se sentar ao lado do rapaz. Nessa hora então é que entra em ação o BISTURI, sempre talmente que fira violentamente os olhos da vizinha. Poder-se-ia pensar que isso seria apresentação de credenciais para facilitar conversações, etc., posteriores. Mas não; para o calouro, o prazer supremo é a só apresentação das suas credenciais.

Os nossos caros colegas do C. U. não dispensam em hipotese alguma o distintivo do Centro. E' um sinete que ninguem sabe a que corresponde; mas, por isso mesmo, é sempre possível que alguém, pergunte...

Num pic-nic, uma moça deixou de comer porque um inseto caiu no seu lanche ou equivalente. O calouro, (perdoem-me os primeira-nistas) não deixa então de declarar, com superior indiferença, que ela assim morreria de fome se passasse, como êle, dias inteiros entre cadáveres retalhados de todos os modos...

Um baile qualquer no Trianon, no Teçaindaba ou no Comercial (o rapaz, depois que entrou para o nosso convívio, apresenta-se em

toda a parte). O calouro consegue tirar para um fox (êle gosta muito do fox. Como é páu a valsa!) certa garota que ha mais de uma hora êle saboreia com os olhos, de longe. Ela não o conhece, mas gentil como é, êle inicia uma prosa:

-- A senhorita estuda?

Desafio a que se apresente um colega que não tenha aplicado esse conto. A pergunta é de uma finura deliciosa; e que sagrada revolta interior se apossa do rapaz quando a moça (que falta de delicadeza!) não sabe ou se esquece de que em inateria de gentileza deve haver uma rigorosissima reciprocidade!

Helio Lourenço de Oliveira

A cor-de-Rosa

Dizem que, em tempos idos, toda rosa era apenas de nívea cor vestida. Foi assim que ficou enrubecida, surgindo dessa data a cor-de-rosa;

uma criança ingênua e mui formosa, por essa flôr, sentindo-se atraída, por um agudo espinho foi ferida, ao privar-lhe existência venturosa;

uma princesa, ali, depois, passava; quis também apanhá-la; qual espada mesmo espinho a mão dilacerava!

Ao sangue da criança o da princesa, unindo-se, na pétala aromada, á inocência da cor junto nobreza.

Giglio Pecoraro



Eis acima retratado, Pelo lapis de um artista, O rosto cheio corado Deste ilustre cientista.

E', da Microbiologia, Meritíssimo assistente. E tambem tem sua mania, Aliás bastante inocente

Pelas placas de gelose E por tubos de cultura Descarrega-se a psicose Desta meiga criatura.

Manipula antitoxinas E replica sem cessar, Preparando auto-vacinas Com dextreza de pasmarr.

Chora e grita a Pasteurella, Ao vê-lo se aproximar E, de um salto, a Salmonella Mergulha no agar-agar.

Ao fitá-lo, qualquer germe Esperna, berra e treme. E, no entanto, é tão inerme O nédio Macedo Leme.

Gênese da Mulher

(ao amigo José O. Ramos, grande defensor do belo sexo)

Quando Deus fez o mundo, Adão, que é o pae da gente, Queixou-se ao Creator que estava mui doente, Pois tinha o peito opresso, a voz bastante rouca, Pelas costas sentindo uma pontada louca! "Senhor", — dizia então, — "qual foi o meu pecado? Nada faço de mais. Na linha tenho andado. Procuo trabalhar, evito a vadiagem, Não tenho feito, — oh! Deus — nenhuma sacanagem... Bem sei que ando puxando do Elefante o rabo, Com essa troça, porem, de hoje em deante acabo. Só por isso me pões, meu Deus, num purgatorio, Como se eu possuísse culpas no cartorio? A ter que padecer estas malditas dores Prefiro a morte então, com todos seus horrores! E o generoso Deus, muito penalizado, Resolveu acabar com as dores do coitado. E como não houvesse no céu cirurgia, Ele mesmo foi ver o que fazer podia. Mandou Adão ferrar num sono pezadinho, Pegou a ferramenta e fez o trabalhinho... De umas tantas costelas fez a ressecção. E pode constatar haver puz no pulmão. Drenando o puz que havia, pode ver o que era: Pneumonia da boa! Bem que supuzera... E toca a trabalhar na bela operação, Graças á qual havia de curar Adão. Foi quando Satanaz, um cabra mui metido, Passando por ali, viu Deus tão distraído, Que resolveu mancar... Chegou, foi disfarçando, Roubou-lhe uma costela esquerda e foi pirando... Quando Deus terminou, contente, a operação, E procurou, com calma, os ossos pelo chão, Nada encontrou. Só viu, olhando para traz, Desenhados na areia, os pés de Satanaz.

Déz dias se passaram. E Deus, aborrecido, Esperava que o roubo fosse esclarecido. E quando passeava um dia, sossegado, Encontrou numa rua, Adão de braço dado, Todo belo e frajôla, com uma creatura Magricéla e sem sal, feição de caradura, Com uma parra que, aliás, não lhe ficava bem, E uma cara imbecil de quem perdeu o trem... Que fôra? Satanaz, o máu, o monstro, a fêra, Da costela roubada, uma mulher fizera!

Não ataques jamais o sexo das Marias... Não te agrada a Mulher? Então, que mais querias Daquilo que foi feito, por descuido, um dia, Dos restos que sobraram de uma pneumonia?...

ORLANDO CAMPOS

Locus Niger

Apezar de crescidinho, Eu não sabia — asseguro — A razão por que esta gente Aprecia tanto o escuro...

Visttel, porem, uma praça, Numa noite de luar... E as coisas que eu via, palavra! Tenho medo de contar...

Que falta de compostura! Que gente sem consciencia! Fiquei devéras pasmado: Aquilo era uma indecencia!

Naqueles bancos perdidos Pelos canteiros em flôr, Parzinhos de namorados Trocavam juras de amor.

E, no silencio da noite, Bem baixinho conversavam. E, unindo os orbiculares, Mil beijos de amor trocavam...

De repente, num cantinho, Dentro de um carramanchão. Vi um parzinho interessante Que me chamou a atenção.

Meu Deus! Como estava escuro Aquele canto da praça... Mais o que eu vi francamente! Não é coisa que se faça!

Prá ver sem ser visto, puz-me Atrás de um pé de jasmim. Olhei bem para o sujeito: Era Rubens Dal'Molin...

Achei agora o motivo, (— Disse cá com os meus botões) Porque são tão procuradas As ruas com lampeões...

Daquela noite em deante Já compreendo — asseguro — A razão por que esta gente Aprecia tanto escuro...

Julio Hypoglossus

DR. CHAKIB ASHCAR

DENTISTA

Clinica em geral Piorrea Molestias da bocca

Tratamentos rapidos com hora marcada.

Consultorio: R. S. CAETANO, 56 Das 9 ás 11 e das 14 ás 18 ½ hs.

TANGO BAR

Chef Gasel

DOCES VARIADOS

CAFE' a 200 RS.

MEDIAS 300 RS.

BEBIDAS FINAS

Rua da Consolação 27-A

(No ponto do bonde)

Canção do badalo

(Dedicada á turma do 2.º ano, que não falta á aula nem em dias como 23 de Maio)

(Do livro "SONETOS" sair daqui a 2.000 anos)
(2.ª edição)

I
Não chores "badalo";
Não chores que a vida
E' luta renhida:
Viver é "cavar".
Se o estudo é um combate,
Que aos "fundos" abate,
Ao "aço", ao "badalo",
Só pode exaltar.

II
Um dia cavamos!
Aquele que é "aço"
Não teme um fracasso
(Do exame ir "ao páu!")
E mesmo sem luxo
Tem certo um "cartucho",
Com todos os lentes,
Bondosos ou máus.

III
O "fundo", ao "badalo"
As notas inveja,
Por vê-lo no exame
Todo adulator.
Até os assistentes
Nas aulas mais "chatas",
Curvadas as fronte
Escutam-lhe a voz.

IV
Badala si em aula,
Si em férias, descança,
Na doce esperança
De um ano feliz.
Cuidando do estudo
Badala, comtudo
Não fuja da "bomba"
Que "bomba" ha de vir.

V
E, pois que és badalo,
Teus brios reveste;
N'um "sinus" nasceste,
Badalo serás.
Durante a aula toda

Sorri para o lente,
Pois que dele contente,
Boa nota terás.

VI
Tua fama de "aço"
Retumbe aos ouvidos.
Dos lentes transidos
Por vil comoção;
Por isso na sala
Ou laboratório,
Serás o exemplo
Da badalação.

VII
Assim os assistentes
De um grande cientista,
Querendo um exemplo
De "aço" dizer
Teu nome lhes diga,
Que turma do stanga
talvez não escute
Sem ri- a valer!

VIII
Porém, se a fortuna
Traindo teus passos
Te arroja nos laços
De um máu professor,
Na hora do exame
Teus "feitos" memora,
Toma "badalina"
Com todo o fervor.

IX
As armas ensaia.
Penetra na aula
Do "Fungo" ou do "Sapo"
Viver é "cavar"
Se o estudo é um combate,
Que aos fundos" abate,
Ao "aço", ao "badalo",
Só pode exaltar!

D.

Faríadas

(Poema cantado por Mestre Faria, Esforçado, na última reunião dos Magos da Congregação)



(1)
Oh! Faculdade querida,
Cheia de encanto de vida,
Como no mundo não ha!
Oh! querida Escola minha,
Foi Deus quem te fez rainha
Cá das bandas do Araçá!

(2)
Quem foi que te fez tão bela,
Tão forte qual cidadela
Dos tempos medievais?
Quem vai-te seguindo o passo,
Sem desgosto, sem cansaço,
Pelo caminho em que váis?

(3)
Anfiteatros Salões,
Matriculas, inscrições,
Exames, secretaria...
Em tudo eu meto o nariz.
E assim me sinto feliz,
Trabalhando noite dia...

(4)
Quem defende calourada
Daquela furia danada
Dos veteranos malvados?
E passa pítos tremendos,
E dá castigos horrendos
Aos meninos malcreados?

(5)
Passo a vida trabalhando,
Agindo, fiscalizando,
Em pessoa, já se vê,
Salas laboratorios,
Anfiteatros, mitorios,
Corredores, W. C...

(6)
Esta Escola, que seria
Cá sem mestre Faria
Que lhe tem tão grande amor?
Mas se tanta cousa aturo,
Inda hei de ser, p'ra o futuro
Desta joça o ditador.

Nota da redação:

Que pretensão mais ingenua...
Que os anjos não digam amen.
Pois quem nasceu p'ra dez reis
Nunca chega ser vintem...

Julius Hypoglossus

PERDEU-SE

No trajéto, entre a Avenida Paulista e a Faculdade: perdeu-se uma laringe ainda em bom estado de funcionamento. Sendo objeto de estimação e de utilidade, péde-se a quem encontrar o obsequio de entregá-la ao Titinho, na Fisiologia. O portador será recompensado.

PROCURA-SE

Rapaz inteligente e ativo, de boas pretensões, e que apresente credenciais de ótimo procedimento, para lavar automovel. E' condição indispensavel ser inimigo do fumo e portanto do Xilor. Tratar com o Franklin na Fisiologia.

Ama branca, de 20 a 30 anos, que apresente caderneta de boa saúde e que já tenha exercido a profissão pelo espaço minimo de um ano, para calçar polainas. Paga-se bem. Tratar com o Aquino, na Histologia.

Individuo massa e que possa dispor de algumas horas por dia para corrigir a sopápos os máus costumes Jannini.

Cartas a Pinto, nesta folha.

Rapaz alto e magro, acostumado a ficar parado na Rua Direita, para servir de póste aos cachorros. Tratar com o "Queijo" na Fisiologia ou com o Gonçalves na Biblioteca.

OFERECE-SE

Rapaz casado com pratica em dar injeções e conhecedor profundo de anatomia animal para caçar ratos a dentada. Cartas ao Max na Veterinaria.

Rapaz forte, corado e solteiro para sociedade em negocio de Secos e molhados. Dispõe de pratica em molhados. Cartas ao "Chumbo" nesta folha.

Bacteriofagos

Uma das mais notaveis aquisições da terapeutica moderna

USO ORAL e APLICAÇÃO LOCAL

ESTAFILOFAGINA	Bacteriófago anti-estafilocócico. Ação curativa surpreendente e rapida no antrax, furunculose, osteomielite, acne, dermatoses estafilocóccicas, etc.
COLIFAGINA	Bacteriófago. anti-coli <i>Pielites, cistites, pielonefrites, colites, etc.</i>
DISENTERIFAGINA	Bacteriófago anti-disentérico polivalente, ativo contra SHIGA FLEXNER.
TIFOFAGINA	Bacteriófago anti-tífico e paratífico.
ESTREPTOFAGINA	Bacteriófago anti-estreptocócico.

IMPORTANTE — Para uso por *via bucal*, é indispensavel adicionar-se um pouco de bicarbonato em regular volume de agua (½ copo ou 1 copo), para evitar ação do suco gastrico sobre o bacteriófago.

PLURIFAGINA — BACTERIOFAGO POLIVALENTE

Bacteriofagos desalbuminados para

USO ENDOVENOSO

SEÇÃO DE MICROBIOLOGIA
DOS LABS. RAUL LEITE
RIO de JANEIRO

ESTAFILOFAGINA ENDOVENOSA
COLIFAGINA ENDOVENOSA
ESTREPTOFAGINA ENDOVENOSA
TIFOFAGINA ENDOVENOSA
PLURIFAGINA ENDOVENOSA

Direcção Técnica: Prof. Dr. Mario Magalhães.

Filial em São Paulo : Rua Benjamin Constant, 31

OS BACTERIOFAGOS NO TRATAMENTO LOCAL DO FLEIMÃO

J. S. 34 anos

Doente há oito dias quando, após ter remado bastante, começou a sentir dor num calo existente na palma da mão direita.

Não ligou ao fato maior importância. Continuando os fenômenos dolorosos, observou 4 dias depois que mão começava aumentar de volume, exacerbando-se dor. Esse aumento de volume atingiu nos dias seguintes uma proporção considerável, compreendendo toda mão e parte do ante-braço, ao mesmo tempo que os fenômenos dolorosos tornaram-se insuportáveis. Todo membro superior direito apresentou-se com grande aumento de temperatura local avermelhado principalmente na mão, onde esses fenômenos eram mais intensos.

DIAGNÓSTICO: Fleimão da mão.

TRATAMENTO: Em 13-4-934: 3 injeções dando saída grande quantidade de puz.

16-4 Curativo com ESTAFILOFAGINA (3 ampolas);
17-4 Curativo com ESTAFILOFAGINA (2 ampolas);
18-4 Curativo com ESTAFILOFAGINA (1 ampola).

O estado local melhorou consideravelmente, tornando-se a ferida limpa cicatrizando rapidamente.

O paciente teve alta curado, que comprova eficácia da ESTAFILOFAGINA.

a) PROF. AUGUSTO PAULINO SOARES SOUZA

Catedrático da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

Mercearia e Sorveteria

AVENIDA

Frutas — Chocolates — Bombons
SORVETES FINOS
Rua da Consolação, 430
(No ponto do bonde)

Departamento Científico

DR. EDUARDO EITZEL

(ESPECIAL PARA "O BISTURI")

Os estudantes da Faculdade de Medicina de São Paulo sempre se interessaram pelas questões de ordem médica, tanto que houve tentativas isoladas de formação de centros científicos, alguns dos quais, como a Sociedade Arnaldo Vieira de Carvalho, funcionaram por varios anos. Tais iniciativas eram entretanto isoladas, não fazendo parte do Centro Oswaldo Cruz com quem seria logico que estivessem articuladas. Em 1931, Carlos Costa, então presidente do centro, encarregava ao academico Paulo Toledo e a mim de organizarmos um novo departamento que centralizaria toda atividade científica dos estudantes da Faculdade. Formou-se assim o Departamento Científico que realizou sua primeira sessão em 5 de Maio de 1931. Fomos o seu primeiro presidente, sendo secretario-geral Paulo Toledo e secretario, Sebastião Hermeto Junior. Com o Departamento Científico visava-se preencher uma lacuna que se fazia sentir mesmo nas sociedades medicas; procurava-se então "desenvolver e educar a dialética dos estudantes, familiarizando-se com o uso da tribuna" E' este um ponto capital para o expositor de uma comunicação médica e no Departamento havia leis rigorosas a esse respeito de maneira a se poder dizer que todo estudante que assistiu ou fez comunicações no Departamento, por certo saberia comportar-se numa sociedade médica. E' conhecido e muitas vezes visível o acanhamento com que muitos medicos fazem suas comunicações, geralmente lendo, presos ao "papel" e com isso desinteressando os ouvintes. E' sabido o sistema de dialogos nas discussões ou o aparecimento de assuntos os mais variados nas rubricas de "a proposito deste caso, etc." Tudo isto, não faz nem diz quem passou pelo cri-

vo do Departamento, onde as discussões são feitas na mais perfeita tecnica e dirigidas pelo presidente de seu cargo. Em se tratando de colegas, não eram raras as mais vivas discussões, pois um ou outro estudava também o assunto a ser debatido, obrigando o expositor á maior honestidade e ao maior cuidado, afim de não perder terreno nos apartes.

O Departamento demonstra também que fazer uma comunicação a respeito de qualquer assunto é coisa facil e dá ainda oportunidade a que o ensaio se faça num ambiente de pequena repercussão, o que não se pode comparar com as responsabilidades de um orador já formado.

Para se chegar a este fim necessitava-se de uma organização especial, concretizada no regulamento: a sessão era assistida por um medico conhecedor da materia a ser debatida, o qual, com assento na mesa que presidia aos trabalhos, encerrava as discussões dando a ultima palavra sobre o assunto, apaziguando os contendores e criticando a maneira pela qual se haviam processado comunicações e discussões.

Ponto que mereceu especial cuidado dos organizadores do Departamento Científico, foi a sua continuidade: para isso, estabeleceu-se que o presidente seria do 6.º ano e o secretario-geral do 5.º. Os cargos de secretario-geral e secretario seriam eletivos, passando o primeiro para presidente no ano seguinte. Com isso visava-se encadear a continuidade da obra, garantindo-a com as vantagens reais que auferiam presidente e secretario-geral em levar avante a organização; isto teria importancia maior durante uns 5 anos até que se estabelecesse um meio favoravel á existencia do Departamento.

Estes foram os propositos ini-

ciais dos dirigentes de Departamento Científico, e cremos não ter errado porque já vai para 6 anos que seu funcionamento ininterrupto oferece uma demonstração do interesse pelo estudo de uma boa parte dos academicos da nossa Faculdade.

O Departamento organizou ainda o primeiro curso de aperfeiçoamento entre nós; foi dado pelo Dr. Jairo Ramos um brilhante curso de eletrocardiografia, em 1931.

As sessões são concorridas e as discussões muito vivas; ninguém lê seus trabalhos, todos falam livremente, certos que estão num lugar onde fazem um ensaio para a sua vida profissional.

As vantagens que o Departamento Científico traz aos estudantes

são inumeras e pode-se mesmo dizer que representa, n'esse terreno da tribuna, um complemento do curso, porque ao medico é necessario não só saber diagnosticar e tratar, mas também saber transmitir aos colegas suas idéias e o resultado de suas observações.

Antes de terminar estas notas sobre o Departamento Científico, é necessario lembrar o auxilio inestimavel dado pela Associação Paulista de Medicina que desde 1931 vem concedendo a sua sala de sessões para as reuniões do Departamento, chegando agora a reservar o dia 14 de cada mez para este fim. Não fosse este gesto amigo da Associação Paulista de Medicina e talvez não tivesse sido tão brilhante a marcha dessa organização estudantina.

DEPOIS...

(Diálogo realizado no ex-futuro banquete ao chanceler Macedo Soares)

— Signor ministro, sapete che parla con voi, é vero che l'onore e il gran piacere, l'anatomista Bovero;

— Dixêmo d'essa mexida che senô né sei che faço; io puxo un ximito già i signor num dá dois passo!

— Mas cu apenas pensei... Não posso pensar, então? — Pois pôde pensá á vontade; chi è che disse che não?

E, enquanto o bravo ministro atendia outro vizinho, velho meste Bovero falou consigo baixinho:

Bem diceva o Talarico; é mésimo.. nómo da páis té bigodi como ré i cabelêra p'ra trás.

Tendo acabado a conversa do ministro com vizinho, mestre agarrou-lhe o braço foi falando, baixinho:

— L'Italia, l'Italia bela; da me, quí, rapresentata vuóil il riconoscimento de l'Etiópia conquistata!

— Senhor professor, falei isso já p'r'o Getulinho; respondeu-me em hespanhol: Piano, piano, Macedinho.

— Non credete! Piano, piano, voi portate um gróssio piano! — Nemenno voi! Forte forte, pur si porta un cofre forte!

P. GY



— Obrigado á gentileza. Ilustrado catadrático, imaginava-o que fosse um pouco menos simpático.

CONCURSO DE BELEZA

O grande matutino "A Folha... visceral" abre, certo dia, concurso sem igual! Com edições de sucesso na certeza lança as bases dum "Concurso de Beleza"... E tudo disposto, dá cabo ao projeto que tem, Juiz, o integro Intestino... réto. De todas as regiões, mesmo as mais distantes, vêm-se lindas Misses as mais insinuantes: e Miss Tibia, a Clavicula e a Homoplata e Miss Rotula: em suma toda a nata! Loiras e morenas entram nessa "valsa" A prova convoca toda a rapariga que, de "maillot", corre logo pr'a hexiga!... Miss Tibia afoga; e, a falar positivo, bebe... agua pr'o buraco nutritivo. Miss Bigorna tenta nadar: oh! flagelo. Socorro, Radio, exclama; ajuda, Martelo! Uma então se salva (caso interessante!): a convencida Costela Flutuante!...

R.

Curcio o alfaiate da elite

Composto e Impresso no Estab. Graphico "Cruzeiro do Sul" - R. Santo Antonio, 9 - S. PAULO

STENCIL

IRMÃOS GIOIELLI
UNICOS ESPECIALISTAS EM
DUPLICADORES
LAD. DA MEMORIA, 30
PHONE 2-2984
S. PAULO

PAPEIS

TINTAS

NÃO COMPRE SEM NOS CONSULTAR

NÃO TEMEMOS CONCURRENCIA

O BEIJO

De um modo geral, o beijo pode ser dado de três modos fundamentais: os lábios ficam superpósitos;

b) os lábios se cruzam.

c) os lábios do beijante ficam entre os da beijada.

A boca deve ficar um pouco aberta.

O beijante deve tomar apoio na beijada, (na inserção terminal do grande dorsal), e docemente pôr em ação os "músculos osculatórios"... inspirando levemente.

Os fenômenos fisiológicos que se seguem são dignos de nota: ha um relaxamento dos músculos da beijada, além de uma vontade louca, de que o ato se repita e outras "cositas más"...

Pode haver uma secreção lacrimal por parte da beijada, mas isto é fita ou anomalia...

Devido a ação dos músculos orbiculares dos lábios, ha um intercambio bacilar, tendo-se como figura importante os espiroquetos...

De acôrdo com os mais recentes métodos de ensino, que recomendam aulas praticas, após explicações teoricas, — o que é costume nesta Faculdade — podemos passar a parte pratica, graças ao concurso de lindas e gentis senhoritas, que compreendem a nossa missão altamente humanitaria...

Chico! traga as assistentes...

Le Cadavre.

O nú e o diabo

(CONT.)

O diabo, rei e senhor daquela terrinha "caliente", para onde irá a cara leitora se lêr esta historia, desgostoso com a diminuição dos "hospedes" de suas tachas, resolveu crear um "Departamento de Propaganda", para atrair os adôcs que não se cansam de comer as maçãs...

Decidiu utilizar a mais temível e eficiente arma: a mulher bonita. Organizou um grande desfile para escolher, entre as milhões de lindas mulheres que habitam o seu reino, uma que seria o simbolo da beleza e do peccado... Desfilaram Pompadour, Du Barry e Messalinas..., mulheres de linhas esculpturais; todos os ritmos, todas as formas, todos os cânones da beleza imortal e imoral...

Porem, nenhuma servia, o fogo destruiu o que ha de mais precioso, não eram mais mulheres, apenas arcabouços...

Satanaz percebeu que só na terra poderia encontrar uma nova Sallambó, despertadora dos sentimentos passionais.

Monsieur Demo, cavalheiro misterioso de barbas ruivas e olhos de fogo, entrou no atelier do famoso Pontieli, notavel entre os notaveis, escultor magno de Florença.

— Mestre Pontieli — exclamou o desconhecido — vim de muito longe para lhe fazer uma preciosa encomenda. Quero uma estatua, uma "Bacchante" para oferecer á Fre-

neá, em honra á casta nudês da arte... Porem, o "modelo" deverá ter um corpo de deusa e a graça de Blanche de Castille.

— Pontieli sorriu desconfiado, e inquiriu timidamente: haverá, por ventura, tal mulher na terra? Uma mulher perfeitamente bela e graciosa?

— Não longe desta casa encontrará o modelo desejado; receba duzentas mil liras como "estimulo", e se a "Bacchante" me agradar, ficará mais rico que o proprio Negus... O demo colocou o dinheiro sobre a mesa, segurou a capa de fundo escarlate e retirou-se.

(Cont. no proximo numero)

Deixa-me Berthelot

Deixa-me, deixa-me Berthelot,
Dizia o cadaver a chorar.
Eu quero ficar na cuba,
Não me deixem dissecar.

II

Chorava o cadaver gemia.
Eranco, branco de terror.
E o Berthelot perverso corria,
Corria insensível á dor.

III

Adeus, sombras do porão,
Cantigas do elevador.
Adeus festas do folião,
Beijos do meu amor.

IV

Adeus, caricias leves,
Daquela que sabe amar.
Berthelot, Berthelot, não me leves.
Não me deixem dissecar.

Le Cadavre.

Concerto Sanfonico

A grande orquestra sanfônica, Araçá Futebol Clube, sociedade limitada, realizará um grande concerto, na esplanada do necroterio, em comemoração ao dia de hoje.

Será dirigida pelo maestro Mingo, ex-notavel jogador de futebol.

E' a seguinte a distribuição dos músicos:

Cavalcanti: trombeta.

Bovero: cavaquinho.

Odorico: bumbo.

Lordy: cuica.

Montebranco: sanfona.

Regalo: tamborim.

Bielik: balalaica.

Franklin: flauta.

Xilor: flautim.

Vasconcelos: gaita.

Programa.

Ouverture:

- I. — Meu boi morreu. Opus 24. Dezena 13. do primeiro ao quinto, invertido.
- II. — Pé de Anjo: — noturno, diurno e madrugada.
- III. — Serenata dos patetas: — dedicada ao corpo docente.
- IV. — Mi ne vado in Abissina — choro de cuica pelo Lochi.
- V. — Faceta Nera: — solo de cavaquinho pelo Bovero.
- IV. — Um pierrot apaixonado. dedicado ao Dr. Fabio Prado.
- VII. — Grande marcha final e triunfal; Zé Pereira.

Le Cadavre.

Chiarugi

Aschoff

Höber Gley

Testut-Jacob e Testujacozinho

Testuzão e Testuzinho
Rondoni

Ottolenghi-

Mangabeira e Albernaz

Laurens

von Bergmann

Darier-Vieira Romeiro

Forgne-von Eiselsberg

etc.. etc.. etc..

Kirschner-Radaelli

Sahli Fabre

Ponder Annes Dias

SO'
COM O

PHYNOQUIARO

IV ANISTA

R. Vergueiro 267 — Tel. 7-0482

TUDO E QUALQUER
LIVRO DE MEDICINA

Lustig Galeotti

Bum Wernck

Os melhores preços — As melhores condições

Guá I



Os Snrs. verão tudo isso em lâminas

Caricatura de Rangel
Versos de Julius Hypoglossus

Eu sou Guá I. Meu irmão,
O Guá II, está no armário.
E nós dois estacionamos
No período embrionário.

O Gualberto fez asneira.
E me mandou, de presente,
Ao professor da Cadeira...

Seja humano, Doutor Lordi!
Me tire deste vidrinho.
Quero ver novas paragens,
Quero dar meu passeinho...

Já disse um dia, zangado,
A quem aqui me encerrou:
— Não sou aquilo que és hoje,
Mas tu já foste o que eu sou"...

Minha sina é ouvir Lordi
Dizer palavras bonitas,
E fazer suas visagens
Quando aqui chegam visitas...

Mas Deus de mim não se esquece.
Hei de ser livre algum dia.
E mandar tudo isto ás favas:
Oria, Aquino, & Companhia.

Sonho matutino de uma noite de verão

(Versão brasileira, sendo que original foi sonhado em italiano)

(A chuvinha fria e irritante prendera a maior parte dos alunos em suas casas. Na primeira fila alguns gatos pingados tomam nota. Da segunda em diante todos seguem na integra, o exemplo superior do estimado assistente M. L., dormem. Alguns sonham, outros não; o Cocito sonha. Depois de sonhar conta ao amigo M. C. a aventura que segue, recontada pelo mesmo M. C., e transcrita pelo Verdugo.

ATO I

Personagens: Cocito (em família Reuatchinho), Morpheu.
Ambiente: (Uma coisa louca vontade de cada um).

COCITO — (Zangado) — Irra Morpheu. Parece que nunca gozaste as delicias da paternidade. Não me aperta assim em teus braços; lá na terra a minha nurse carrega-me delicadamente, com bons modos.

MORPHEU — Desculpa-me queridinho, eu não te apertei de proposito, gordinho como és, a gente fica cansada de te carregar.

COCITO — Então vares levar-me ao mundo da fantasia, onde mora o papae do céu?

MORPHEU — Sim queridinho, n'um mundo lindo, enfeitado com os sorrisos de Venus, regado pelos vinhos de Baecho, governado por um velho idiota chamado Jupiter.

COCITO — Jupiter! Aquele do Esopo! Que gozado, elle deve saber muitas fabulas picantes e apimentadas. Aquela das rãs é engraçada. Ui! que "frisson". (Como eu vou gozar com a historia desse Jupiter.

MORPHEU — Eis-nos á entrada do magestoso Olimpo. Aqui pisamos os campos de Diana. Eil-a acolá, leve como corsa a perseguir aqueles alados insetos verde brilhantes.

COCITO — Insetos alados, hué! aquilo samuc' disse que é varejeira das boas.

MORPHEU — Aproximemo-nos da Deusa. Cocito — (Deslumbrado) — Ela é bonita, não seu Morpheu?

MORPHEU — Entusiasmado hein, safadinho, Diana é boa, mas Venus é carnavalesca, verás.

(Tomam um trilha batido na relva, que os conduz a uma campina onde as deusas conversam).

ATO II

Personagens: — Cocito, Morpheu, Venus, Juno, Diana, Afritite, Calliope, Cérés, Euterpe, Minerva, Melpomene, Nemesis, Polinia, Tersisore e toda a turma boa.

Cenário: — As deusas e musas deitadas na relva, á sombra de um cedro gigante, ao lado uma fonte de jatos azues).

MORPHEU — Trouxe-te ao Olimpo em boa occasião; só se acham em casa as deusas, as musas e Fauno, sentado acolá naquella goiabeira. Acredemo-nos das damas.

COCITO — (vermelhissimo). Poreca madona!!! Isto aqui não é serio seu Morpheu. Olha que escândalo, aquella fulana pelada lá adiante. Tenho até "pudicia" de olhar.

MORPHEU — Essa é a verdade, que foi deportada da terra.

COCITO — Núa e crua, não resta a menor duvida. E aquele espantallo, velho como o Bovero, lendo as anedotas do Cons. XX, quem é?

MORPHEU — E' a ciência, conhecida lá na terra por Minerva.

COCITO — Estava vendo, enferrujada como é, não me entra nem como produto farmaceutico. A ciência me enerra.

MORPHEU — Aquella, reclinada docemente ao lado de Juno, é Venus. Contempla, que curvas.

COCITO — (Fica vesgo) — Ai! que me estrepou, apresenta a gente p'ra ela seu Morpheu.

UMA DAS MUSAS — (ouvindo ruido). Eis Morpheu que chega, vem acompanhado de um estranho personagem.

(Aqui varias musas curiosas, aproximam-se do estranho recém-vido, e, animadas agarram-no em grande algazarra. Assustadissimo da Olimpica e liberdade, Cocito brada por socorro, e a correr oculta-se sob o manto de Morpheu, apenas em cuecas, que as deusas escandalizadas reconhecem como sendo da marca V-8, modelo predileto de Fauno).

MORPHEU — Oh! Deusas e Musas, deixai meu pupilo em paz. Ele ameaça acordar si tentardes atentar contra a sua integridade moral.

(As deusas atendem á apelo de Morpheu, e Cocito mais calmo, abandona o refugio improvisado).

VENUS — (dissecando o Cocito) — Oh! eleito de Morpheu, senta-te aqui ao meu lado.

COCITO — (Choroso senta-se de mansinho na relva, enquanto Venus disfarçadamente se encosta nele, e elle vae se afastando). Em cueculas dona Venus, lá na terra ha tanta cerimonia...

VENUS — Oh! Mon beguin! Aqui não ha cerimonia entra-se logo com o jogo.

RENATO — (Todo confuso) — E' verdade umas coisas que um tal Virgilio escreveu da senhora?

VENUS — O que foi que elle escreveu?

COCITO — Um livro chamado lliada...

VENUS — Que é isso?

COCITO — (a medo) — E' um livro quinientista, onde o Virgilio conta umas poucas vergonhas da senhora com o Marte, com o Adonis, com o Apolo e mais uns caras.

VENUS — (Debulhada em lagrimas) — Que linguarudos, foram contar isso p'ro seu Virgilio, sujando a reputação da gente lá na terra, ui, ui...

COCITO — (Desolado) — Não chore, isso não tem importancia, lá na terra ninguém sabe latim.

VENUS — Aqui é que não tem importancia, só ha gabirús e essas pequenas galinhas. Aqui ninguém entende dessas coisas.

COCITO — Não diga! quanta innocencia.

VENUS — (Ainda chorosa) — Voce lá na terra não é gabirú?

COCITO — Eu lá na terra não faço certas coisas que meus amigos fazem, mas aqui no Olimpo, eu sou capaz de perder a cabeça.

VENUS — (Batendo palmas) — Que amorzinho! Vá, perca a cabeça.

COCITO — Perco sim, quer ver como eu canto a ciranda, cirandinha.

VENUS — (Intrigada) — O que quer dizer essa metáfora lá na terra?

COCITO — Metáfora nada, é uma modinha que eu canto no brinquedo de fecha-roda lá no laboratorio do Franklin.

VENUS — Franklin, quem é esse Franklin?

COCITO — Um sujeito que na antiguidade inventou o para-raios, e agora tem varios bicos; professor, empregado graduado da matelanzarjeiras, caçador de feras nas horas vagas e inventor das bronhas fisiologicas apreciadas pelas turmas do 2.º ano.

VENUS — Que sujeito pau, não fale mais dele. Perca a cabeça agora, porque senão quem perde son eu.

FAUNO — (Do alto da goiabeira, interrompendo) — Venus, empresta-me o teu esmalte "Gaby", quero concluir o polimento dos meus cuecos.

VENUS — (Irrita-se) — Intrometido, não interrompa o meu idilio, seu veado.

COCITO — (Incerto) — Que é isso Venus, lá na terra veado é metáfora.

VENUS — Que engraçado, aqui no Olimpo não, veado é veado na batata.

4

Productos
Indispensaveis na
Neurologia Moderna

CHLORAL BROMETADO FONTOURA
(Combinação de chloral hyd. - brometo de potassio por colher das de sopa).

XAROPE SEDATIVO FONTOURA
(Combinação de brometos (potassio, sodio, ammonio) e extractos (aconito, belladonna e meimendo) em xarope de cc. de laranjas).

NEUROTONE FONTOURA
(Combinação de hypophyse, suprarenal e thyroide).

INDICAÇÕES: MYASTHENIA, HYPOTENSÃO, BRADYCARDIA, SYNDROMA AUTONOMOTONA

SEDAFON
(Combinação Vegetal Sedativa)

**INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA & SERPE**

Rua 11 de Agosto, 18-B Telephone. 2-2582 S. Paulo

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO-INDUSTRIAL

COCITO — (Meio asmatico parece suspirar) — Ah! si estivesemos a sós, eu te perguntaria uma coisa.

VENUS — (Suspirando na dura) — Ah! que bom, eu vou dar um geitinho (dirige-se as companheiras pedindo-lhes que corram a buscar anforas no botiquim de Baecho, para homenagearem o eleito de Morpheu).

ATO III

Personagens: Cocito e Venus

VENUS — Emfim, a sós como amorosos recém-casados.

COCITO — (Com medo) — A sós como...

VENUS — Vamos dar uma voltinha no parque de Afrodite.

COCITO — (Receoso) — Essa Afrodite é séria. Se tiver banco no parque eu não não.

VENUS — (Deliciosamente amorosa) — Gabiruzinho da mamã, Afrodite sou eu mesma. Batizei o parque com o meu nome de guerra para disfarçar.

COCITO — De guerra, então voce andou mesmo com Mavorite como diz o Virgilio, "cheveta".

VENUS — Eu não, isso é metáfora.

COCITO — Bom, isso sim.

VENUS — (Toma o braço do gabiruzinho) — Contempla as maravilhas de minha beleza, pureza marmorea de meu colo, o porte do meu busto ante a alvura da minha camisa. Contempla reles mortal a beleza e graça de uma divindade.

COCITO — (Meio ofendido) — Reles é a tua avó, sau confinda.

COCITO — (Sem querer) — O colo dá p'ra gente sentar-se, o busto é de bom tamanho, por isso voce devia usar soutien, daria mais graça e firmeza.

VENUS — Soutien! O que é isso amor.

COCITO — (Atrapalhado) — Ouvi dizer que é um funil de papelão, que as moças usam lá na terra. Meu amigo N. A. disse que as vezes é preciso esparadrapo.

VENUS — Oh! abraça-me meu bem, aproveite a falar-me agora que estamos a sós.

COCITO — E' verdade, ia-me esquecendo. Querira perguntar-te uma coisa. Mas...

VENUS — Mas, nada de mas. Não se acanhe amor. Oh! Apolíneo mortal, pergunta-me aquilo que adrinho em teus labios tremulos.

COCITO — Labios tremulos uma óva, não estou com medo.

VENUS — Pergunta amor, peça, manda, tortura-me.

COCITO — Voce não se zanga mesmo, se eu pedir de verdade, para voce me contar uma coisa.

VENUS — Não amor. Pergunta, depressa que meus nervos estalam.

COCITO — Eu queria sabre qual o cirurgião que emendou teus braços.

(Venus desmaia, cae o pano e acaba a aula).

VERDUGO

Dissecando o
co-universitario

Décourt: — pela leitura de sua "Anatomia", concluímos que tambem usa o pseudonimo de Pizon...

Pena: — E' pena Dr. Pena a penalidade penalista de que é victima.

Sá-Vaia: — sofre de "orgulhite" e "confusinite" Socio benemerito da "Protetora dos Animais".

Galaor: — Gozadissimo contador de anedotas.

Genesio: — Apezar de Genesio não é pandego. Gozado é o outro.

Cruz: — Leão da Metro. Terror dos pampas.

L. Cruz: — Bôa pessoa; um tanto confuso...

Costa: — Homem de memoria prodigiosa. Sabe "Barros-Terra" de cór e saltado. Sabe até logaritmos de numeros...

Planet: — é do outro planeta... sabe mais que êle proprio.

Le Cadavre.

Livraria do Povo

COMPRAM-SE VENDEM-SE LIVROS NOVOS E USADOS

MEDICINA — DIREITO — ENGENHARIA — LITERATURA — ESCOLARES,

RUA QUINTINO BOCAIUVÁ, 43-A

S. PAULO

Escarradeiras As Olimpíadas Grande Circo Araçá

A nossa Faculdade é muito grande. Seus corredores muito longos, seus anfiteatros muito adequados e seus laboratórios excelentes, as paredes muito limpas, as privadas muito asseadas.

Mas o diabo é a falta de escarradeiras.

O escarro pelo seu aspeto coloidal, suas cores variáveis, ao redor de um verde-amarelado é repugnante, de mais é rico em germens e seu poder contaminante todo o mundo grita.

No entanto, em tão grande casa-rão, em que a gente permanece quasi todo o dia, não ha escarradeiras. Resultado: as ostras são atiradas ao chão e os pés tratam de as espalhar, aumentando-se, assim a superfície de evaporação, facilitando-se o seu mais rapido dessecação. Por isso, o porão, onde a fiscalização é menor, tornou-se a maior escarradeira da escola. Expectora-se e se escarra por todo o canto. Nos andares superiores, já a coisa é mais difícil, pois aí os fiscais são mais atentos.

O individuo é obrigado, quasi sempre, a engulir grossas rolas de catarro que irá contaminar seus intestinos, sendo muitas vezes, as causas das colites, etc.

Porém nem sempre isso se dá e o freguês escarra voluptuosamente em pleno anfiteatro, em pleno laboratório, como já acontece no laboratório de microbiologia onde se estudam os microbios.

Por uma questão de egocentrismo natural, pelo instinto natural da conservação é preferível contaminar os outros do que se contaminar a si proprio.

Logo, não se engole escarro. Escarro é feito para se escarrar. E aonde é que se escarra? Em escarradeiras. Mas onde as ha na nossa Faculdade?

Conclusão: cospe-se no chão.

Amor espúrio

A caravana seguia para Pirapitingui; no trem jogávamos. O jogo era proibido, porém um secreta, sabendo que eramos estudantes, quiz, contra todos os codigos civis, franquear a jogatina, dizendo que o Pocker era jogo de paciência. Ficou nosso amigo. Afeição-se escandalosamente, pelo General, talvez, devido ao seu aspeto adiposo. E começou a fazer cosquinhas na grande cabeça do General.

Esse, para evitar a progressão daquelle processo mórbido, pôz em evidencia sua exuberante masculinidade, pois tossiu, falou grosso, escarrou, assuou, ruidosamente, o nariz, fumou, furiosamente, um enorme charuto feito de jornal e fumo de varios cigarros desmanchados, bebeu laranja, limonada, guaraná. sisi e jogou (fubéca) desenfreadamente mostrando o quanto é capaz em vícios, o quanto é macho.

Falou até em negocios.

Apesar de tudo isso, custou a vencer o secreta, pois este estava bêbedo como um peru em vespera de fésta.

E, assim, se evitou um amor espúrio.

Escalpelo.

As olimpíadas de Berlim, realizadas em agosto último, coroaram-se do mais brilhante êxito, sem duvida, em virtude da participação do Infantil Faculdade de Medicina F. C.

Quando entravam em campo os nossos garbosos representantes o pessoal da banda tirou uma nota, em si, hilariante para o público: em homenagem á nossa turma começou a tocar "O teu cabelo não nega"; no melhor da festa, porém, o corêto caiu em si sem dó e a sinfonia ficou inacabada.

As provas em que tivemos representantes não foram muito numerosas e o nosso clube alcançou brilhantemente o penúltimo lugar, perdendo o ambicionado último, em virtude de uma desvantagem de dois pontos apenas sobre a turma da Farmacia.

Podemos resumir a nossa atuação em poucas linhas.

Na prova de 100 metros rasos, o Mélega, apesar de muito contrariado pelo vento, conseguiu o último lugar.

No arremesso do disco, o Dante lançou uma trena, por engano, tão longe que êle precisou anunciar no quadro de avisos do Centro o desaparecimento da dita.

No brinquedo do ovo atraz, a nossa turma feminina não fez ponto algum.

Nas provas de golfinho, para animais domesticos, saiu vencedora a dupla Fuad-Menotti, que venceu os golfinhos do Mackenzie.

Nos 400 metros rasos, Mozart Tavares de Lima Filho chegou apenas 450 metros distante do vencedor, porque pôs os ôculos do outro lado.

Nas corridas de velocipedes, para meninas, o Lacaz e o Cordeiro se classificaram em penúltimo e postpenúltimo, respetivamente.

Em futebol, vencemos a Paulistinha por 2 a 2.

O Germeck venceu a prova dos 100 metros, nado de peito, para meninos até 11 anos.

Em hola ao cesto, a turma feminina Bidú, Gonçalves, Clovis, Piaza e Adolfo sagrou-se vice-campeã.

A prova de arrebenta bexiga foi vencida pela Veterinaria.

A corrida das bolhas de sabão foi vencido pelo Pedrinho, quando saia de uma aula de quimica.

P.Gy

TROVÕES

A Inglaterra, ha pouco tempo, fez concurso original: quis saber qual a cidade de mais sublime moral.

Um logarejo da Escécia mostrou como documento: ha seis anos, nesta aldeia, não se faz um casamento...

TROVINHA

A maior ofensa ao boi, depois de ter ido á faca, é chegar, lá, na panela, ser comido por vaca.

P. GY

Rompendo a monotonia, em que viviam os habitantes do cemiterio do Araçá, o magestoso e grande circo "Araçá Golfinho Club", vem colhendo inumeras e escaldadas vaias. Não é dirigido pelo Piolin, mas sim por aqueles senhores encarregados de mandarem para lá, os respectivos freguêses...

O programa primorosamente desorganizado, atrairá grande numero de "espetros-assistentes"

I — Numero de magica pelo hindú Cavalcanti. Fará agua virar vinho. Beberá cerveja transformando-a em gasosa.

II — "O picolino", fox-trot pela dupla picolina Dreyfus-Odorico.

III — Bovero, o hipnotizador fará dormir centenas de assistentes, falando sobre o "esqueleto"

IV — Numero comico, pelo palhaço Galaor.

V — Lordy, apresentará "As irmãs pagãs" Canto pelos fêtos: Aris, Iris e Oris.

VI — Carlos Costa, o superhomem, recitará alguns trechos do "Barros-Terra", não esquecendo sequer as virgulas. Dirá o logaritmo de algumas centenas de numeros.

VII — Mestre Franklin apresentará: "A morte do cisne" Macumba pelas rãs Marias.

VIII — Pessoa, em pessoa, apresentará: "A dança dos tres véus" dança classica pelas "girls-solitarias"; "Tenia Solium" e "Tenia Saginata", made in U. S. A.

Intervalo — Paula Santos arrancará as amígdalas dos defuntos sentados nas catacumbas, mais proxima do picadeiro.

Ultima parte — "A mulher infiel e o marido":

A mulher — Dr. XXIV;
O pae de todos — Bovero;
O marido — Bielik;
O outro — Cavalcanti;
O menino bom — Odorico;
O padre arabe — Savaya;
O caipira — Celestino;
O prosa — Lochi;
O homem mau — Cunha Motta;
O menino peralta — Dreyfus.
Draina—comedia—suporifero, em 240 atos.

Hoje tem marmelada? Tem sim senhor!

Viva o circo!

Le Cadavre

O baile de ante-ontem

Dentre as inumeras festividades que a diretoria do Centro preparou em homenagem á data de aniversario do C. A. O. C., destacamos o pomposo baile levado a efeito sabado passado no luxuoso salão do Clube Commercial.

Presidido pelo Dr. José Cassio de Macedo Soares e Exma. Senhora, grandes amigos deste Centro, a reunião dansante decorreu dentro da maior harmonia, concorrendo para o seu brilho, as graciosas damas da aristocracia paulistana e a estupenda orquestra de Oto Wey.

SENHORES MEDICOS:

Mediante simples indicação de endereço, Fontoura & Serpe terão o maximo prazer em enviar aos senhores medicos um exemplar do Catalogo Illustrado, que apresenta a relação de cincoenta productos pharmaceuticos, que constituem as acreditadas especialidades do

INSTITUTO MEDICAMENTARIA
FONTOURA & SERPE

Rua 11 de Agosto, 18-B Telephone, 2-2582 - S. Paulo

ESTABELECIMENTO SCIENTIFICO-INDUSTRIAL

Professor Foá

A convite insistente da redação do BISTURI, chegou no mês passado a esta capital o insigne fisiologista italiano Carlos Foá, de ascendência árabe, (Foá vem de Fuad), e que aqui realizou, ainda sob o nosso patrocínio, diversas conferencias. Aqui mesmo na Faculdade, teve o ilustre mestre o ensejo de entreter a meninada com uma conferencia e uma película cinematografica. Se



não nos foi possível compreender muita coisa da conferencia, que foi feita na lingua de Dante, de que não pescamos niente, pelo menos muito nos divertimos com o inte-

ressantissimo filme italiano, filmado nos modernissimos studios do emerito cientista. Intitulava-se êle "O despertar de uma mulher" ou "Regeneração". O têma versava sobre a vida de uma mulher que, acostumada outrôra a usar e abusar da "branquinha", vivia constantemente a matar o bicho. E o resultado é que, de manhã, quando acordava, era tal a ressaca que a dita cuja mal podia mover-se, não conseguindo nem levantar-se do leito. Seguiu-se uma cêna em que ela, louca da vida, fazia com o braço uns gestos mais ou menos ofensivos ás pessoas da assistencia, vindo depois um choro convulsivo, mixto de ressaca e arrependimento.

Mas eis que a pobre mulher, por motivo que filme não esclarece, abandona por completo a bebida e retoma o bom caminho. E é de vêr-se então com que disposição, com que alegria a bela senhora se levanta pela manhã. Anda pelo quarto, sorri, faz ginastica sueca, tudo indicando a saude do corpo e do espirito.

Terminada a projeção, uma salva de palmas saudou o emerito cientista, que não só se tem distinguido como notavel fisiologista mas tambem como competentissimo diretor cinematografico.

Ao professor Foá, que teve a gentileza de visitar a nossa redação, percorrendo demoradamente todas as nossas oficinas, onde centenas de tipógrafos estão ininterruptamente na mais franca ativi-

dade, apresentamos a nossa saudação e os nossos melhores agradecimentos, tanto pela gentileza com que aquiesceu ao nosso convite como pela maneira brilhante por que se desempenhou da sua missão.

Julius Hypoglossus

O CASO DOS MICROSCOPIOS

Ha tres anos que nossos legitimos microscopios estavam para vir, agora, finalmente, chegaram.

Falei em "nossos legitimos", porque os que, até agora, usamos são o rebotalho dos microscopios usados nos E. U. com a Comissão Rockefeller que aumentou o seu presente aos paulistas.

Imaginem, já eram usados quando vieram e nós os usamos e abusamos, ha 23 anos e pouco.

Agora, como disse, chegaram os novos microscopios e nós iremos inaugurá-los.

Porem os Exmos. Srs. Drs. Faria e Pupo, que fazem uma concepção toda especial dos alunos, consideram um absurdo entregarem tão bella e custosa prenda a tão turbulentos e mal educados alunos.

Que resolveram eles?

— Vamos estragar os microscopios, diz o Pupo, pois os meninos já estão acostumados a usar coisa velha e eu sou muito conservador e não gosta de inovações.

Extranhando essa demora na entrega dos microscopios, fui até a Diretoria e lá chegando ifiquei boquiaberto!

Peguei os dois com a mão na cambuca. Estavam o Faria, e Pupo escangalhando os microscopios. Estavam brincando de guerra. O Faria de um lado com 100 microscopios e o Pupo de outro com os 100 restantes, combatiam heroicamente. Imitavam com a boca as mais modernas e rápidas metralhadoras pesadas. Os dois de gatinhas corriam atrás da linha de microscopios. De repente houve uma tregua nos combates e um dos capangas da Diretoria foi enxugar o campo do Pupo, pois suas metralhadoras tinham o grave defeito de ensalivarem muito.

Enxuto o lugar, recomeçou o fogo, mas desta vez com uma furia napoleonica, já não mais imitavam metralhadoras. Punham as oculares na bocas e as cuspiam um no outro, fazendo de contas que eram obuzes.

Então, não pude continuar assistindo, inerte, áquela depredação. Gritei, chamei os dois aos brios.

Levantaram-se assustados, limparam as calças nos joelhos e depois de muito gaguejar me quizeram fazer crer que estavam engraxando os microscopios.

Qual engraxando qual nada, o que Vocês querem... e passei-lhes um enorme sabão.

Agora os microscopios vão ser reformados e, então, os alunos receberão.

Deve ser rapido, isto é, talvez mais uns 23 anos e pouco.

ARIMA KENKYUSHO

Osaka—Japão

A-O

Vacina A-O

DIAGNOSTICO-PROGNOSTICO-TERAPEUTICA
DESCOBERTA PELOS:

profs. dr. R. Arima
dr. K. Aoyama
dr. J. Ohnawa

Uma chave para a solução do problema mundial da Tuberculose

A-O desenvolve imunidade ativa por processo absolutamente inocuo e sem reações desagradáveis. Varios anos de experiencias firmaram o conceito da preparação sob o ponto de vista terapeutico e especialmente Profilático

BIBLIOGRAFIA AMOSTRAS:

Importadores — HARA & CIA.

Rua Felipe de Oliveira, 1 - 3.º andar

Tel. 2-7697

Cx. p. 2012



Laboratorio Paulista de Biologia

Com a presença dos representantes dos srs. secretários de Estado, de inúmeros convidados e de s. exa. revma. d. José Gaspar de Afonseca e Silva, bispo auxiliar de São Paulo, efetuou-se, dia 9 de agosto p. p., a solenidade da inauguração das novas instalações do Laboratório Paulista de Biologia, à rua São Luiz, 161.

Fundado há pouco mais de vinte anos, o Laboratório, a cuja frente se encontram acatadas figuras da ciência médica paulista, progrediu rapidamente e se tornou um dos mais bem aparelhados institutos nacionais de pesquisa e indústria científicas.

A construção inaugurada, além de possuir amplas proporções, foi dotada de moderno aparelhamento e entregue a pessoal habilitado e selecionado. Constitue, pois, um passo bem largo dado em prol do progresso da indústria bandeirante.

O edificio ocupa uma área de cerca de cinco mil metros quadrados, a parte óra inaugurada foi construída nos fundos do palacete Souza Queiroz constando de quatro andares, medindo 42 metros de fachada por 18 de largura. Foi construída pelo engenheiro Chiapponi e, aí, estão localizados os três principais departamentos do Laboratório, que são:

“Departamento técnico”, dividido nas seguintes secções:

Secção de Análises Clínicas para elucidação de diagnósticos, dirigida pelo cientista prof. dr. A. Carini — e Secção de Análises, Pesquisas Químicas e industriais, a cargo do prof. dr. Quintino Mingoya.

O “Departamento Industrial” abrange a Secção de Sôros, Vacinas Produtos Opoterápicos, sob a chefia do farmacêutico Domingos Giolito.

A Secção de Hipodermia, confiada ao farmacêutico Alexandre M. de Castilho e a Secção de Especialidades Farmacêuticas e produtos galênicos, dirigida pelo farmacêutico José Giolito Sobrinho. Por fim o Departamento Comercial está a cargo do sr. Valentim Giolito, diretor-superintendente; Rodolfo Pasqualin, diretor-gerente e José Giolito, diretor-auxiliar.

A Secção de Propaganda está confiada ao escritor Angelo Scala e possui também uma bem montada tipografia.

A SESSÃO INAUGURAL

No vestibulo interno, que comunica a parte anterior do laboratório com a que foi agora construída, estava atravessada uma fita com as cores de São Paulo, isolando as antigas instalações dos novos aparelhamentos do laboratório. Eram 9 horas e meia quando d. José Gaspar de Afonseca e Silva procedeu à bênção do edificio, cortando em seguida a fita simbólica que dava ingresso às instalações. Ato continuo passaram-se todos para a sala de conferências, onde foi dado inicio à reunião solene de inauguração.

Abrindo a sessão, falou o sr. Valentim Giolito, diretor-superintendente do laboratório e um dos seus fundadores, que pronunciou as seguintes palavras:

“Meus senhores — E’ com grande alegria que abro a sessão solene de inauguração da nossa nova sede, coroamento de quasi 25 anos de trabalho em prol da industria farmacêutica brasileira.

Abrindo essa sessão, cabe-me objetivar todos os meus sentimentos de gratidão às pessoas amigas, que atenderam o nosso convite, nos honrando com sua presença, o que demonstra o interesse que todas as classes, mesmo as mais elevadas, nutrem pelo engrandecimento da ciencia e da industria nacional.

E’, também, com imensa satisfação que vejo aqui reunidos todos vivos e com saúde, graças a Deus, os fundadores do Laboratório que, no inicio, tanto se esforçaram para que êle atingisse o ponto em que se encontra.

Assim, pois, sejam estas minhas palavras de homenagem áqueles



D. José de Afonseca e Silva quando cortava a fita simbólica, dando por inauguradas as novas instalações do LABORATORIO PAULISTA DE BIOLOGIA

que formaram o primeiro núcleo de trabalho para a evolução desta casa, preparando o terreno para que a seara se tornasse florescente e fecunda.

Resta-me ainda, no presente momento, que me enche de emoção e de felicidade, agradecer aos meus companheiros de diretoria, ao pessoal técnico e a todos os companheiros de trabalho, a imensa dedicação, a lealdade extrema, a disciplina quasi militar, com que exerceram os seus cargos, colaborando para que o Laboratório tivesse a simpatia e o acolhimento público que, cada dia, se torna maior.

Uma grande patria só se faz pela colaboração intima, pela coordenação dos esforços de todos os seus filhos, pelo trabalho honesto e perseverante das classes dirigentes e operarias, e, estou certo, que o Brasil continuará no seu grandioso progresso, honrando a raça e a civilização latina.

A todos, muito obrigado, e está aberta a sessão”

As palavras do diretor-superintendente seguiu-se uma salva de palmas.

Em seguida, levantou-se o prof. dr. A. Carini, ex-diretor do Instituto Pasteur e atual diretor da Se-

ção de Análises Clínicas do Laboratório Paulista de Biologia, que pronunciou uma bellissima oração, da qual destacamos os trechos que seguem:

“A presença, nesta reunião, das mais altas autoridades eclesiásticas, administrativas e politicas, dos representantes do exmo. sr. consul da Italia, assim como dos diretores dos principais institutos científicos e de ensino superior; dos diretores dos maiores hospitais; de tão numerosos médicos e farmacêuticos e distintos representantes da sociedade paulista, testemunhando assim a simpatia para a nossa instituição, nos honra sobremaneira. A todos de uma vez sinceramente agradecemos.

As instalações que hoje visitais e que hoje inauguramos representam a realização de uma aspiração pela qual labutamos com fé e tenacidade durante um quarto de século. Um único ideal nos guiou durante todo este tempo: a criação de um grande Instituto em tudo digno do Brasil.

lho e perseverança, que nos guiaram até agora e aos quais devemos o nosso constante progresso nesta casa”

O prof. dr. A. Carini continuou fazendo considerações sobre o campo da patologia veterinária e principalmente sobre novas especies de parasitas de serelepes, tatús, ratos, capivaras, lagartixas, etc., pertencentes a diversos generos. Nos morcegos, descreveu um tripanosoma interessante por ser morfologicamente muito parecido com o “Tripanosoma Cruzi”

Falou do prof. Bertarelli, elogiando a sua valiosa cooperação. Elogiou ainda os seus dedicados colaboradores: prof. Mingoya e prof. Dionisio Gonzales, este último da Faculdade de Medicina de Assunção, que veio a São Paulo atraído pelo justo renome do Laboratório Paulista de Biologia.

E’ concluindo, disse:

“E’ nossa intenção ampliar esta parte didática, realizando cursos especiais, destinados especialmente aos estudantes das nossas escolas superiores.

O nosso laboratório não é, pois, só uma casa comercial para preparo e venda de produtos biológicos, mas quer ser, e disso faz empenho, um centro científico onde não só se procura acompanhar os progressos da terapêutica como também se trabalha para aumentar o patrimônio científico.

Visitando agora as nossas instalações, podereis constatar que o nosso esforço para fazer bem, foi verdadeiramente consideravel. Tudo aqui dentro vos demonstrará que a maior preocupação dos dirigentes não foi realizar lucros imediatos mas sim fazer obra digna e util ao paiz”

Nova salva de palmas coroou as palavras do prof. Carini.

Logo após, é dada a palavra ao prof. dr. Ulisses Paranhos, acatado cientista, um dos fundadores do Laboratório Paulista de Biologia, que



O LABORATORIO PAULISTA DE BIOLOGIA, vendo-se ao fundo a parte inaugurada domingo

tambem em outros paizes, estamos satisfeitos e exultantes, mas, não consideramos acabada a nossa missão.

Para o futuro desejamos continuar fieis aos principios de traba-

inciou a oração com as seguintes palavras:

“Meus amigos: — Não desejo deixar passar a data da inauguração do novo predio do Laboratório Paulista de Biologia sem prestar

Laboratório Paulista de Biologia

(Continuação)

uma homenagem sincera, de estima e de gratidão, aos meus companheiros de luta no início do seu funcionamento e nos dez anos que fui seu diretor técnico"

Em seguida rendeu homenagem aos seus companheiros Valentim Giolito, Rodolfo Pasqualin e José Giolito, enaltecendo-lhes o gigantesco esforço e a honestidade sem par. Não esqueceu o nome de seus dois grandes mestres, que muito o encorajaram na carreira que abraçara: o prof. Carini que o ensinou a ter método de estudo e orientação segura de trabalho; o prof. Bertarelli, seu amigo das horas amargas e homem de vastos conhecimentos.

Feito isso, historiou resumidamente, com a devida clareza, o meio médico paulista, no tempo da fundação do Laboratório Paulista de Biologia.

Todas as passagens do bellissimo discurso do prof. Paranhos são dignas da mais atenciosa leitura quer pela sólida argumentação quer pelo formosíssimo estilo literário.

O orador fez uma notável peroração:

"A todos, moços e velhos, eu faço um apêlo pedindo, em nome do Brasil, que trabalhem e que honrem dentro dos laboratórios, nos hospitais, nas fábricas, nos campos, no comercio, as tradições da nossa raça, nascida no Lacio, e a quem o mundo tem de entregar os seus destinos, se não quiser morrer asfixiado dentro do abismo tenebroso de idéias destruidoras e bárbaras.

Nessa festa, eu vejo uma pedra branca marcar o caminho de outras realizações fecundas e progressistas que virão em breve. E, nessa visão otimista, peço a Deus que abençoe aos homens que souberam, na sua existencia, fazer alguma coisa pelos que sofrem, pelos que se sacrificam pela espécie e pelos que se preocupam com o futuro da Nação, antepoando o seu coração á ambição, á maldade e aos sentimentos negros, que, como vampiros, procuram anemiar o nosso sangue e intoxicar nossa alma, tornando-nos indignos da nossa raça e das nossas tradições latinas, que deram ao homem a alegria de viver com a Religião, dentro da Família e adorando a Patria"

Cessadas as palmas que sufocavam as ultimas palavras do prof. Paranhos, usou da palavra d. José Gaspar de Afonseca e Silva, que, encerrando a solenidade agradeceu profundamente o convite que recebera para proceder á bênção e presidir áquela reunião, confessando-se imensamente satisfeito pela oportunidade de saudar o jubileu do modelar estabelecimento.

Relembrando as palavras do prof. A. Carini, que dissera em sua oração que o Laboratório era um local onde a industria não afugenta a ciencia, d. José Gaspar pede licença para acrescentar mais uma palavra: a caridade. E diz então, que no Laboratório de Biologia a industria não afugentará nem a ciencia, nem a caridade, e fazendo assim alusão aos muitos exames e serviços por éle prestados gratuitamente aos necessitados.

S. exa. revma. termina sob palmas da assistencia, invocando novamente as bênções divinas sobre todos os funcionarios do Laboratório Paulista de Biologia.

Encerrada a sessão, todos os presentes se encaminharam para a parte nova do edificio, percorrendo as suas variadas dependencias.

Nesse dia, a diretoria recebeu do prof. Ernesto Bertarelli, professor da Universidade de Pavia e consultor científico do Instituto, o seguinte telegrama:

"O meu coração e o meu pensamento estão voltados hoje para os meus amigos do Laboratório Paulista de Biologia, no momento em que se inaugura essa obra digna da ciência brasileira e do destino do grande Brasil. — E. Bertarelli"

PARALELO

Já muito antes de Cabral dar á luz o Brasil. Maquiavel, o principe dos politicos, aquêle que para chegar aos fins não olhava meios nem meias, escrevia á sua Laura, quando calouro da nossa Escola:

... raparam-me todas as regiões pilíferas, puzeram-me de cuêca no camarão, mas hei de me vingar!"

E a terrível vingança se consumou: assim que se fez ministro da Educação do governo do "condotieri" Garibaldi (não o condutor) elaborou um ante-projeto, estatuinto a abolição sumária do trote (cuja definição real, intrinseca, essencial deixamos de dar "apenasmente" para não ofender a pudicia do leitor), afim de proteger os calouros dessa estúpida tradição e não poupar os veteranos.

Para isso o calouro já entrava no terceiro ano e adquiria o direito de dar trote nos veteranos do segundo. E, desse modo, maquiavelicamente, diminuiu de modo consideravel o número de anos do curso médico. Mas os velhos matematicos gregos e árabes, entre os quais Cruz, Costa e Gomide, descobriram pelas táboas de logaritmos a grande farça e a denunciaram a Sócrates. Este, publicando u'a monografia denominada "O catarro e sua influencia no caráter humano", levantou uma grande celêuma, pois as lições completas de sua escola tinham apenas 48 anos só de curso superior e éle não podia conceber uma escola de curso mais rápido.

A astucia de Maquiavel, entretanto, percutiu favoravelmente, no seio da poderosa plebe romana.

Depois de seu filho Tibério, o Cavallo Consul, ter sido proclamado veterano, o autor do "Il Principe" fez uma nova reforma, instituindo o trote ainda mais cruel que no tempo de Dante. E o filho, todas as noites, lhe contava as bravuras que fizera com os calouros, nas lojas de 2\$000. Maquiavel achou tão engraçado que, inspirado, descobriu um meio de prolongar a felicidade do filho: aumentou para oito o número de anos do curso! E, esfregando as mãos, mandou que Rui Barbosa defendesse a causa. Entrou o projeto na Câmara; resultado: lei!

De nada valeram os protestos veementes do velho Cicero. O sim-

ples capricho de um menino fez com que o autor das Catilnarias mordesse o proprio cotovêlo e tremessem as barbas roxas do augusto Frederico!

* * *

Até ai, morreu o Neves. Passaram-se os anos, decênios e séculos. Desapareceram Maquiavel, Dante, Vergilio, Cicero, Garibaldi e com éles os bons tempos de Napoleão. Dêles restam apenas os nomes, que pronunciamos com assombro e uma frase de Camões, que repetimos com fervor: "Inês é morta, dela nada resta"

Aconteceu, porém, que o folião Cabral trouxe para este "deserto de homens e de idéias" um rapazinho, cujo primeiro ato foi comprar um par de óculos no sebo do israelita Korban. Quando esse moço chegou, o curso ginásial era de cinco anos. E, esquecendo-se de que éle fizera esse mesmo curso em três anos apenas, admirou-se do breve tempo que o brasileiro é ginásiano. "In illo tempore" não havia Câmara (o povo se divertia no circo), e, o nosso herói resolveu pôr mãos á sua "obra"; e sem mais delongas o projeto ficou lei. Instituiu éle o regime dos sete anos ginásiais. Depois, veio o Parlamento. Este começou a emendar e remendar a "obra"; os decretos passaram a imitar Santa Terezinha: apareciam e desapareciam; mexiam até com a ortografia e quanto mais mexiam...

Até que "un bel di di Maggio" o mesmo rapaz teve as vistas voltadas para o curso superior: seis anos apenas! E' pouco! E a idéia de Maquiavel não vale nada? como diz o Catramina Bertelli. E éle, subindo ao Sinai com seis táboas, após nove meses de divagações, trouxe de lá, alquebrado pelo peso e pela dor da "partida", a lei dos oito anos.

Mas, os matematicos, consultando as memórias do Desmemoriado de Collegno e do velho Euclides, acharam que o curso ginásial devia ter cinco anos. E, então, um congresso de euclidianos da Favela, reunido especialmente, descobriu que é legitimo somar e subtrair um mesmo número, persistindo o equilibrio (V. Higher — Algebra — New Buras, N. Y.).

Apoiados nessa lei, para contentar gregos, romanos e troianos, resolveram somar dois anos ao curso superior e subtrair dois do curso ginásial, ou seja, anexar o Colégio Universitario ás escolas superiores. Pronto!

Tudo arranjado, andaram por ai, farreando, para comemorar a grande descoberta.

* * *

Um individuo, para entrar na 1.ª série desse Colégio, encontra a mesma dificuldade que os dos tempos das vacas gordas, quando ingressavam diretamente no curso médico.

Por que havemos nós de prestar dois concursos para entrar na Faculdade? E' para melhor seleccionar a turma, como o quer um professor da Faculdade de Direito? Será, então, que duvidam da erudição dos que já se formaram, concorrendo apenas uma vez, e, que hoje, constituem o mais belo ornamento e o mais qualificado e justo

orgulho da nossa gloriosa Faculdade? Por que dois exames vestibulares? Para seleccionar os alunos? Então, as outras provas a que éles deverão submeter-se durante os seis longos anos do curso médico nada valem, não tem elas esse poder seletivo? Quem pode afirmar, quem tem a temeridade de afirmar que a promoção no curso médico e no Colegio Universitario é dada tambem aos vadios e preguiçosos e não só aos esforçados e trabalhadores? Cada exame é ou não uma prova de seleção?

Quem nega o valor dos exames feitos duas vezes ao ano, está duvidando da integridade moral do corpo docente desta Faculdade, que é um padrão de gloria do magisterio nacional. E isso não é possível. Foi um momento de insensatês que urge ser reparado da maneira mais congruente possível. Não é nosso escôpo prejudicar totalmente os nossos "colegas" apoiados na lei federal (que por nosso Colegio não é seguida).

O fato de tambem aos alunos dos ginasios oficiais ser obrigatório o concurso para ingressar no Colegio Universitario demonstra claro que os poderes reconhecem a patente superioridade do nosso curso sobre os complementares extranhos; pois, sendo este Colegio o curso complementar que o governo mantem, a éle deveriam ter promoção automática os alunos vindos de ginasios oficiais.

Fazer-nos sofrer concorrência e se formos deslocados agora é o mesmo absurdo que nos deslocarem de qualquer série do curso ginásial.

E o mais triste é que já se abriam precedentes lamentáveis que, pela sua vastidão, nos apoiam mais do que um regime de oscilação entre leis estadual e federal, aquela nos apoiando e esta... habilitando a nos desafiar mais uma vez aquêles que já foram derrotados; desprezando uma derrota honrosa, preferiram aproximar-se de uma secretaria, apresentar lá um diploma, adquirindo assim, com dinheiro, o direito de nos fazer uma descabida concorrência, no tempo do nosso legitimo acesso automático ao primeiro degráu do curso médico.

Ninguém duvida que a ingressão dos "sapos de fóra" é uma oportunidade apenas aos bem favorecidos pela fortuna; pois, enquanto estes podem cursar os dois anos complementares, em Colegio particular, ou porque foram vencidos ou por mera formalidade, os desfavorecidos esperam lá fóra, na porta, um ou mais anos.

Talvez percamos a cartada. E, como o dinheiro falso dos concorrentes da Casa da Moeda, tambem os nossos concorrentes poderão entrar em circulação e ser tidos como legitimos, mas estamos certos de que não resistirão á análise e serão rejeitados como o eram os defeituosos da velha Esparta.

A verdade é que aquêles que foram favorecidos mais pelo esforço do que pela fortuna são obrigados a afundar as olheiras mais uma vez, na vida, afim de salvaguardar o nobre e humanitario objetivo que para aqui os trouxe.

RÉO GUARDIÃO DA TORRE.

O unico remédio

(ESPECIAL PARA "O BISTURI")

Trecho de uma consoladora carta a um desconsolado amigo:

"... Mas não deixe sua senhora lêr esta carta. Ela já não me vê com bons olhos. Notei isso durante o nosso "wild-party": ela olhava para mim, não como si eu fosse um cavalheiro, mas um cavaleiro de Apocalipse...

O que eu penso sobre a sua atual hesitação: — si você deve, ou não, continuar a fumar e a beber? Penso que você deve continuar a ser o que você sempre tem sido: "gentleman of leisure", uma suave maciês de "tweed" maciamente estirado, como o Tweed, entre a Inglaterra e Escócia (quer dizer: entre um cachimbo de Londres e um whisky de Edimburgo).

Fumar e beber — isso é o único remédio. Vou explicar porque. Porque, um dia, si você se sentir enfermo e fôr consultar um médico, o que o arguto "M. D." dirá a você será, fatalmente, isto:

— O sr. precisa deixar de fumar e beber! Incontinenti! E' o único remédio!

Nunca houve nem haverá médico nenhum, no mundo, que não dissesse, que não venha a dizer isso.

E, si você não fumar nem beber, terá que objetar assim ao doutor:

— Mas, doutor, eu nunca fumei nem bebi!

Então, abanando a cabeça aureolada pela ciência, e fazendo luzir bem no dedo catedralício a esmeralda verde como uma esperança, o sábio sentenciará:

— Então não ha remédio!

E você teria que começar a fumar e a beber para, um dia, ter remédio.

Outra vez: não deixe sua senhora lêr esta carta!"

GUILHERME DE ALMEIDA

O canto coral e o espirito universitario

(ESPECIAL PARA "O BISTURI")

O canto é velho como velho é o mundo. E, também, universal. Todo animal provido de cordas vocais, faz uso delas para a manifestação vocal. E' tudo quanto se faz necessário como "substractum" anatômico. Mas não basta. Contudo. A psicologia toma parte preponderante e orienta o sentido do canto para diversas finalidades. E, daí, verem-se, no mesmo animal, diversas entonações e modulações na sua manifestação vocal e, mais ainda, descobrir-se maior grau de variação ao passo que a psicologia se torna mais complexa e o modo de vida, que a determina, igualmente mais polimorfo.

Como base inicial, deve-se acordar em pôr o canto em correspondência com os instintos primitivos e, principalmente, com o mais forte deles, o instinto sexual. Se bem pesadas as cousas, ver-se-á que a maioria das manifestações vocais primitivas tem como fundo esse instinto. Por outro lado, quando o teor sexual se vai esbatendo em outras componentes, ver-se-á, paralelamente, que os fenômenos psicológicos do animal já permitem horizontes mais amplos que, apenas, os da esfera procreadora. E' é no homem, o animal de mais entrecruzada, caprichosa e entrecida psicologia que o canto se manifesta mais multicrômico, politônico, pluripolarizado.

E de fato: êle se presta e se ajusta e se molda aos sentimentos mais dispaes ou antagonicos. Êle é tristeza ou alegria, vitória ou derrota, amor ou ódio, vida ou morte. Êle é estímulo ou desânimo. Como a dansa, como outras muitas manifestações artisticas, êle é o reflexo dos mecanismos e resultantes intimos da cor psicológi-

ca. A ela obedece e dela é o perfil, a representação exterior. E, daí, o aforisma: "Quereis conhecer algum? — Ouvi-o cantar".

Poderemos relacionar a textura do canto com os tres estratos da personalidade psicológica. Sopesadas as modalidades por que se nos pode apresentar essa manifestação, vemos e reconhecemos facilmente a sua triplíce origem: o canto pôde ter caráter puramente instintivo, apresentar-se como exteriorização conciente ou dimanar de idéas supernas e representativas das camadas mais altas da personalidade, pleno de altruismo, de concepções morais ou de sentimentos rigorosamente estéticos. Daí, vêr-se o "can-can", a batucada que, já pelas denominações onomatopaicas, indicam o uso de sons evocativos de ritmos e de figurações primitivas, instintivas. Daí, também, a "Liebeslied" vienense, a "modinha" brasileira, o fado, traduzindo o amor e a saudade e o travo da vida, onde predominam, em geral, harmonias delicadas, com flexões menores. Daí, ainda, o canto guerreiro, a marcha patriótica, o hino nacionalista, de acordes vibrantes e de teor polifônico.

Se o canto é expressão de um momento psicológico e o representa com fidelidade, êle também, quando ouvido, influe no psiquismo do auditor e o conduz para o grupo representativo a que pertence. Insinua-se, pois, poderosamente, nos refulhos da personalidade e a polariza no sentido psicológico que êle representa. Quem, ao ouvir um batuque, não se arripia, e não sente o peito oprimido ao som da canção de amor ou de saudade, e não se transporta aos acordes da marcha guerreira? Só uma sensibilidade

Tarde de sol, na minha rua

(ESPECIAL PARA "O BISTURI")

A minha rua está cheia de sol! Está cheia de sol!
Crianças barulhentas correm nas calçadas...
Cantam cigarras líricas a distancia...

A minha rua está cheia de sol!
Cheia de alegria!

Não ha casas nobres, nem creanças pobres:
Estão todas de ouro — do ouro da tarde.

A minha rua está que nem um reino encantado,
que nem um tesouro:
cada cabeça pequenina,
é como uma linda moeda de ouro...

Rua em que tudo sorri agora,
um sorriso de bemaventurança,
e onde a única tristeza
é esta saudade que me vem, vaga e vadia,
do meu velho tempo de creança...

CORRÊA JUNIOR

embotada se manterá vestida de indiferença. A terapêutica musical, tendo por base esses fatos verdadeiros, já foi lembrada e posta ao serviço do "sedare dolorem". Mario de Andrade, ha bem pouco tempo, traçou-lhe um estudo de síntese assás ilustrativo numa bela conferência pronunciada no Departamento de Cultura da Associação Paulista de Medicina. Poder-se-ia utilizar a música como "test" em psicologia experimental e, não ha duvidar, com os melhores resultados.

Chega-se, assim, á concepção do canto coral como expressão de coletivismo, de comunhão espiritual. Pela sua natureza, requerendo um agrupado de individuos, pelo seu significado laudatorio a uma instancia elevada do espirito, tem sido êle sempre companheiro da humanidade quando esta se congrega homogeneamente. E, qual núcleo de cristalização, mais e mais avança no seu poder espiritualizador, chamando a si, intimamente, aqueles que lhe oferecem contáto.

E' neste sentido que o canto coral serve utilissimamente ao espirito universitario, como já de ha muito lhe empresta a sua força unitiva, á semelhança do que já o fazia, desde sempre, quanto ao espirito religioso.

O canto coral universitario existiu sempre e sempre ha-de persistir enquanto se desejar manter o espirito de congregação universal estudantina. Não só as velhas Universidades, como as de Coimbra Heidelberg e tantas outras, mas também as novas e novissimas, como as norte-americanas, tem-no chamado como burilador desse estado psicológico indispensavel.

Se se fôr rigoroso, dir-se-á que, onde êle existe, lá vive também um profundo e verdadeiro espirito universitario.

Pelo caráter de sua interpretação, requerendo muitas vózes, onde todos tem lugar, e pelo sentido da sua evocação, sempre elevada, tem o canto coral formidavel desempenho no desenvolvimento e na manutenção do espirito de união. Ajustar, irmanar cantando, a mais bela forma de se o conseguir, e louvar, encarecer a instituição a que se pertence, é finalidade completa, dentro duma reversibilidade geradora dum círculo de maravilha.

Elevar o espirito universitario é elevar simultaneamente o nível de cada parcela do meio que o mantém.

Cultive-se o canto coral numa Universidade e ver-se-á, ao se ajustarem os mais numerosos membros dessa Universidade e que dela são a base e a razão de existencia — os estudantes, para cantá-la e louvá-la, os resultados magnificos que, para o espirito de união confraternal, logo se apresentarão: á finalidade puramente artistica, acrescer-se-á aquela muito mais profunda e admiravel do grande liame psicológico entre a instituição e os seus agregados, para mútua benequerença e compreensão, realizando-se, dest'arte, a melhor escola do espirito universitario.

Hilario da Veiga

"O Bisturi"

Este número do nosso órgão foi impresso especialmente para abri-lhantar as comemorações do aniversario da nossa notavel Associação.

Para ilustrá-lo com sua brilhante pena foram convidados vários nomes de valor indiscutível: Guilherme de Almeida, Corrêa Junior e Hilario da Veiga.

Os dois primeiros, nomes sobejamente conhecidos em nosso mundo literário, souberam ratificar a simpatia de que, merecidamente, gozam nos meios acadêmicos, enviando-nos belissimos trabalhos que, sem favor algum, são duas legítimas joias da literatura paulista.

O dr. Hilario da Veiga, grande amigo dos alunos, com o peso da sua autoridade, escreveu-nos, também sob invejavel forma literaria, um artigo excelente, de onde se depreende a sua vastissima erudição.

A esses três nomes, que reviveram alguns instantes os tempos acadêmicos, colaborando num jornal académico a direção do "bisturi" se congratula pelo modo simpático por que se souberam impôr á nossa justa admiração, e lhes franqueia as colunas para quando nos quizerem honrar com seus preciosos e notaveis trabalhos.